



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LIDIANE MORAES BUECHEN LEMOS

**FANFICTION E A CULTURA DO ESTUPRO - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
COMBATE**

Rio de Janeiro,
2022

LIDIANE MORAES BUECHEN LEMOS

**FANFICTION E A CULTURA DO ESTUPRO - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
COMBATE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte do requisito obrigatório à
obtenção do grau de licenciatura plena em
Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Mônica Pereira
dos Santos.

Rio de Janeiro,
2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado para que hoje eu tivesse a oportunidade de estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos meus pais, Elisabete e José Roberto, por sempre me ajudarem a continuar na luta pelos meus sonhos. Não foi um caminho fácil, mas graças a vocês pude chegar até aqui. Obrigada também à minha família pela torcida e por sempre cuidarem de mim.

Agradeço aos meus amigos da faculdade e da vida que sempre estiveram ao meu lado nos bons momentos e nos ruins, vocês tornaram esse desafio mais leve.

A querida Professora Doutora Mônica Pereira dos Santos, orientadora, coordenadora do grupo de pesquisa e também uma grande parceira. Sou muito grata por toda rica aprendizagem que tive ao longo desses 4 anos e por todas as oportunidades que tive dentro do grupo.

A equipe do LaPEADE - Laboratório de Estudo, Pesquisa e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação e da pesquisa “De COVID a COM VIDA – Ainda que Remota: experiências docentes de busca de inclusão em tempos de Pandemia” por toda parceria e aprendizagem compartilhada, em especial Maicon, Manoella, André, Allana, Angela, Guilherme, Monick, Gabriella, Natália, Sabrina, Nonata, Débora. Quem diria que fazer pesquisa poderia ser tão divertido?

Por fim, mas não menos importante, as Professoras Doutoras Sandra Cordeiro de Melo e Adriana Patricio Delgado, participantes da banca de defesa desta monografia. Agradeço por todas as contribuições.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de monografia que tem por objetivo compreender de que modo a cultura do estupro (HERMAN, 1984) se encontra presente nas *fanfictions* e como nós, professores e educadores, podemos intervir através de práticas pedagógicas, a partir de uma pesquisa exploratória (BABBIE, 2001), de base qualitativa (MINAYO & GOMES, 2015), somada a uma pesquisa bibliográfica (SANTOS, 2004). Neste trabalho, analisaremos as plataformas de criação e leitura de *fanfics*: *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*; um total de quatro histórias que contenham teor de violência sexual e/ou doméstica, como: obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto. Além disso, analisar um questionário compartilhado com as autoras dessas histórias selecionadas e uma entrevista com uma ex-administradora do *Spirit Fanfiction*. Para analisar os dados coletados utilizaremos a Perspectiva Omnilética (SANTOS, 2013), em diálogo com o conceito de inclusão em educação (SANTOS, 2003), de modo a entender porque há uma busca e um consumo por *fanfics* desse gênero, visto que são produzidas e lidas majoritariamente por jovens do sexo feminino. Buscamos, problematizar e discutir o papel da escola perante o trato com a temática, para quebrar as exclusões de gênero que se encontram naturalizadas na nossa sociedade, e conscientizar nossos estudantes a respeito das questões de violência e abusos. Os dados desta pesquisa apontam que já há um movimento inicial de conscientização do público jovem com a cultura do estupro, diante da quarta onda do feminismo que traz discussões referentes à desigualdade de gênero para serem debatidas nas mídias e redes sociais. Todavia, essas discussões ainda são pouco abordadas nas instituições de ensino, visto que questões que englobam a educação sexual ainda são tidas como tabu na sociedade. Também podemos afirmar que o fato de jovens do sexo feminino produzirem esse tipo de conteúdo malicioso não quer dizer que sejam condizentes com as violências e abusos sexuais, mas que, em muitos casos, não compreendem as situações consumidas nas *fanfictions* como crimes por já serem naturalizadas no meio social. Por isso, a importância do papel da escola e do professor em combater essas culturas.

Palavras-chave: fanfiction; cultura do estupro; inclusão em educação; perspectiva omnilética.

ABSTRACT

This is a monograph research that aims to understand how the rape culture (HERMAN, 1984) is present in fanfictions and how we, teachers and educators, can intervene through pedagogical practices, based on an exploratory research (BABBIE, 2001), with a qualitative basis (MINAYO & GOMES, 2015), added to a bibliographic research (SANTOS, 2004). In this work, we will analyze the platforms for creating and reading fanfics: Spirit Fanfiction and Wattpad; a total of four stories that contain sexual and/or domestic violence, such as: love obsession; rape; abusive relationship; pedophilia and incest. In addition, analyze a questionnaire shared with the authors of these selected stories and an interview with an ex-administrator of Spirit Fanfiction. To analyze the collected data, we will use the Omniletical Perspective (SANTOS, 2013), in dialogue with the concept of inclusion in education (SANTOS, 2003), in order to understand why there is a search and consumption for fanfics of this genre, since they are produced and read mostly by young women. We seek to problematize and discuss the role of the school in dealing with such a theme, to break the gender exclusions that are naturalized in our society, and make our students aware of the issues of violence and abuse. The data from this research indicate that there's already an initial movement of awareness among the young people with the rape culture, in front of the fourth wave of feminism that brings discussions regarding gender inequality to be debated in the media and social networks. However, these discussions are still little addressed in educational institutions, since issues that include sex education are still considered taboo in society. We can also say that the fact that young females produce this type of malicious content doesn't mean that they are in agreement with sexual violence and abuse, but that, in many cases, they do not understand the situations consumed in fanfictions as crimes because they are already naturalized in the social environment. Therefore, the importance of the role of the school and the teacher in combating these cultures.

Keywords: fanfiction; rape culture; inclusion in education; omniletic perspective.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico com as palavras “Fanfiction” + “Educação”	16
Tabela 2 – Levantamento bibliográfico com as palavras “ <i>Fanfics</i> ” + “Educação”	16
Tabela 3 – Levantamento bibliográfico com as palavras “ <i>Fanfiction</i> ” + “Inclusão em Educação”	17
Tabela 4 – Levantamento bibliográfico com as palavras “ <i>Fanfics</i> ” + “Inclusão em Educação”	18
Tabela 5 – Levantamento bibliográfico com as palavras “ <i>Fanfiction</i> ” + “Cultura do Estupro”	19
Tabela 6 – Levantamento bibliográfico com as palavras “ <i>Fanfics</i> ” + “Cultura do Estupro”	19
Tabela 7 – Levantamento bibliográfico com as palavras “Educação” + “Cultura do Estupro”	19
Tabela 8 – Levantamento bibliográfico com as palavras “Inclusão em Educação” + “Cultura do Estupro”	20
Tabela 9 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Obsessão”	41
Tabela 10 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Incesto”	42
Tabela 11 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Pedofilia”	42
Tabela 12 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Estupro”	42
Tabela 13 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Abuso”	42
Tabela 14 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Violência Sexual”	43
Tabela 15 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Violência Doméstica”	43
Tabela 16 – Pesquisa nas plataformas por “ <i>Fanfic</i> + Relacionamento Abusivo”	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de vítimas de violência sexual infantil	22
Figura 2 – Gráfico do perfil das vítimas de violência sexual enquanto a gênero	22
Figura 3 – Percentual de violência doméstica contra criança	23
Figura 4 – Gráfico do tipo de agressor considerando a violência mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por faixa etária	23
Figura 5 – Lista de Gêneros do <i>Spirit Fanfiction</i>	37
Figura 6 – Lista de Gêneros do <i>Spirit Fanfiction</i> : continuação	38
Figura 7 – Lista de categorias do <i>Spirit Fanfiction</i>	39

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior.

K-pop – *Korean pop* ou Pop Coreano.

OTP – *One True Pair* (O par verdadeiro).

PCNs – Parâmetros curriculares nacionais.

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*.

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
1.1.	Considerações iniciais	12
1.2.	Objetivos	14
1.2.1.	Objetivo geral	14
1.2.2.	Objetivos específicos	14
1.3.	Justificativa	14
1.4.	Levantamento Bibliográfico	16
2.	CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
2.1.	Análise dos dados	27
2.1.1.	Perspectiva Omnilética	28
3.	CAPÍTULO 2: O QUE É <i>FANFICTION</i>?	30
3.1.	Retratos da atualidade	30
3.2.	O lugar da valorização	32
3.3.	A febre das <i>fanfics</i>	36
3.4.	Nem tudo é um mar de rosas	40
3.5.	Fanfiction e educação	45
4.	CAPÍTULO 3: A CULTURA DO ESTUPRO E A IMPORTÂNCIA DE MEDIDAS DE COMBATE	45
4.1.	A visão da mulher na sociedade	46
4.2.	O que é cultura do estupro?	50
4.3.	A cultura do estupro na <i>fanfiction</i>	52
5.	CAPÍTULO 4: A CULTURA DO ESTUPRO EM EVIDÊNCIA - ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1.	Plataformas	54
5.2.	Entrevista	59
5.3.	Histórias	63
6.	CAPÍTULO 5: COMBATE À CULTURA DO ESTUPRO ATRAVÉS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: <i>FANFICS</i> E A INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO	71
6.1	<i>Fanfics</i> em sala de aula	71
6.2	Trabalhando a cultura de estupro na escola	73
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	79
APÊNDICE	82

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Ao longo da história tivemos construções culturais significativas como as músicas, os livros, as artes, entre outros, que nos fascinam e nos movem enquanto sujeitos. Com isso surge o termo "fãs", pessoas que expressam toda sua admiração, carinho e gosto por uma determinada pessoa, grupo, ideia ou coisa. Ser fã ou pertencer a algum *fandom*¹ se tornou algo comum em todo o mundo e hoje une muitas pessoas que compartilham de gostos e interesses semelhantes.

Todavia, com o passar dos tempos os fãs deixaram de pertencer a esse espaço passivo de apenas admiração e consumo das obras para ocupar um espaço significativo de participação. Jenkins (2006) traz o conceito de "Cultura Participativa" no qual os fãs passam a interagir com a obra ou a pessoa do qual é fã por meio midiático. Exemplos disso são as *fanbases*² que se propõem a dar notícias sobre a vida e a produção de determinado artista; as *fanarts*, desenhos inspirados em obras e pessoas do qual é fã; e até mesmo a escrita de *fanfictions*, nosso tema central deste trabalho.

Fanfiction, ou, em sua tradução literal, ficção de fãs, são narrativas realizadas no ciberespaço que vêm a ganhar cada vez mais notoriedade por jovens, que são o público que mais adere a esse estilo literário, que produzem e leem tais conteúdos. As histórias são realizadas por fãs de um universo já pré-existente (exemplo: o universo de Harry Potter) ou até mesmo de celebridades (exemplo: o cantor Justin Bieber).

Sempre me questioneei o porquê de algumas produções mais populares dentre as plataformas *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*, famosos no Brasil por proporcionarem um espaço para leitura e divulgação de *fanfics*, possuírem um alto teor de violência sexual. Principalmente, devido às mulheres jovens serem as que mais consomem e produzem essas escritas, como aponta Dantas (2015) em sua pesquisa, na qual comprovou, tanto na análise do questionário piloto, como na

¹ O termo "*fandom*" é um diminutivo para *fan kingdom*, ou, em português, reino de fãs. A palavra serve para expressar um grupo de fãs de uma determinada pessoa ou coisa em comum.

² O termo "*fanbase*", traduzido para o português como "base de fãs", é um movimento dos fãs de determinado artista de usar uma plataforma para administrar e compartilhar notícias e outras informações com o *fandom*.

realização da análise do questionário final, que obteve 83 respondentes, correspondeu destes 82 mulheres, e apenas um homem.

Assim, buscamos compreender por meio desse trabalho, de que modo nós, professores, podemos conscientizar os estudantes a respeito da violência sexual e outros tipos de violências que se encontram presentes nessas produções como: violência sexual e doméstica; abusos; obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto. De modo a combater uma presente romantização dessas violências que se encontram expostas em algumas *fanfics* e que serão melhor apresentadas no capítulo de análise, pretendemos propor algumas estratégias pedagógicas com a finalidade de não deixar que elas se tornem algo naturalizado, e assim quebrar com as barreiras excludentes que refletem o machismo tão forte na nossa sociedade.

É de nossa compreensão que tanto as mídias quanto as leituras são reflexos de uma sociedade machista, à qual somos expostos desde a infância, e que chamaremos aqui por “cultura do estupro”. Tal inserção nessa sociedade moldada por um modelo patriarcal desde a infância acaba por nos levar a naturalizar tais conteúdos de abuso, sem os enxergarmos como tal, e assim nos torna igualmente produtores.

Para conhecimento do termo “cultura do estupro”, partimos da ideia de Herman (1984), que aponta que vivemos numa sociedade que naturaliza situações de desigualdade de gênero, que nos são apresentadas em filmes, livros, músicas e na mídia em geral, em um estilo de relacionamento sadomasoquista entre homem e mulher que não é devidamente problematizado, e resultam na dificuldade de diferenciação de um relacionamento saudável para um relacionamento abusivo.

A falta de diálogo na família, e igualmente na escola, sobre as temáticas de abuso e violência sexual, por serem socialmente vistas como tabu, acabam por dificultar mudanças. Isso leva as crianças e jovens a se tornarem adultos que, possivelmente, podem vir a praticar ou serem vítimas desse tipo de violência sem compreenderem sua dimensão e gravidade, ou até mesmo sem enxergarem tais atos como crimes graves, devido à naturalização de tais práticas em sua infância e adolescência.

Com a criação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), pudemos ver que as *fanfics* foram finalmente contempladas no currículo escolar, como conteúdo de Língua Portuguesa do ensino fundamental e ensino médio. Porém, o conteúdo é

unicamente tratado de modo a analisar diferentes gêneros de escrita que surgiram com o avanço das novas tecnologias, e o nosso trabalho aqui vai para além da discussão de gêneros literários por buscar uma interdisciplinaridade e um debate tão importante que é a cultura do estupro e o seu combate através de práticas pedagógicas.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral.

Enquanto objetivo geral, buscamos compreender de que modo a cultura do estupro (HERMAN, 1984) se encontra presente nas *fanfics* e como nós, professores e educadores, podemos intervir para combatê-la através de práticas pedagógicas.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para pensar nos específicos, pontuamos aqui:

1. Compreender porque há uma busca e um consumo por *fanfics* que contenham teor de violência sexual e doméstica como obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto.
2. Compreender o motivo de serem produzidos majoritariamente por jovens do sexo feminino.
3. Analisar algumas produções em plataformas de leitura e escrita de *fanfics*, a fim de discutir o que vem a ser produzido e compartilhado nessas plataformas.
4. Problematizar e discutir o papel da escola perante o trato com a temática da cultura do estupro e da violência sexual expressas nesse gênero narrativo.

1.3 JUSTIFICATIVA.

Nunca fui uma jovem com hábito literário, mas as *fanfics* abriram grandes portas para mim. Aos 13 anos já estava imersa em leituras constantemente. Porém, também fui exposta desde nova a esse lado negativo da *fanfiction*, por meio do qual, por nunca ter tido uma educação sexual em casa ou na escola, acabava por

romantizar as histórias com conteúdos de violência sexual, sem compreender que de fato era um tipo de violência e um crime, visto que sempre era apresentado de modo romantizado. Apenas ao entrar no ensino médio, quando fui apresentada à causa feminista, pude abrir meus olhos e enxergar o quão problemática eram as histórias que eu consumia, e passei a repensar o que lia.

Infelizmente, não fui a única a me deparar com o lado negativo dessas produções. Atualmente, as histórias com violência encontradas em certas *fanfics*, apesar de ainda consumidas, costumam ser mais debatidas nas redes sociais por pessoas que consomem esse gênero literário. Uma hipótese nossa é que com a abertura das mídias sociais como twitter e facebook para discutir pautas feministas e de violência de gênero (PEREZ e RICOLDI, 2018), os leitores de *fanfics* passaram a ter acesso à informação, e mudaram seu olhar sobre as violências presentes nas histórias produzidas nessas plataformas.

Logo, muitos relatos surgem referentes a experiências pessoais de como essas histórias vieram a interferir em suas vidas e na compreensão do que é um relacionamento amoroso. Em sua maioria relatavam casos com namorados violentos ou até mesmo de pedofilia, no qual a vítima não enxergava como um abuso ou um crime devido àquela situação já ter sido naturalizada pelo consumo de *fanfics* na infância e adolescência que distorciam essas relações românticas e as levavam a crer ser algo comum. Portanto, cabe dizer que, diante dos relatos, esses jovens que consomem *fanfics* com conteúdo de violência sexual e derivados acabam por se tornar mais sugestionados a passarem por relações abusivas devido a não compreensão do que a mesma significa.

Atualmente, as *fanfics* são majoritariamente realizadas na internet de forma gratuita por grupos de fãs de um determinado cantor, banda, livro, ator ou etc, o que facilita a aproximação dos jovens com esses conteúdos. Ignorar a existência desse gênero literário ou até mesmo desqualificá-lo por ser uma escrita em ambiente virtual, no qual qualquer um pode consumir e produzir, não irá interferir na quantidade de jovens que buscam esse espaço para leitura e interação com outros fãs que compartilham do mesmo gosto.

Enquanto professores, cabe a nós levarmos tais assuntos presentes na sociedade para que possa ser debatido com os alunos, principalmente quando tal assunto lhes afeta diretamente e quando vivemos numa sociedade que abomina a existência de uma educação sexual.

Por conta disso, defendemos que este trabalho é de grande importância para o campo acadêmico, por acreditarmos que as *fanfics* são um espaço importante de diálogo, aprendizagem e incentivo à construção de um hábito literário, mas que deve ser devidamente discutido para que deixe de ser esse espaço onde se naturaliza uma cultura machista, socialmente implementada, que denominaremos aqui por cultura do estupro.

1.4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.

Tal como nas escolas, no meio acadêmico a discussão também não se encontra tão presente. Realizamos o levantamento bibliográfico das palavras que norteiam a pesquisa nas principais bases de dados (BDTD, Periódico CAPES e Scielo), sem delimitar idiomas, e partem de um recorte temporal dentro dos anos de 2002 a 2022, devido ao lançamento do primeiro filme da saga Harry Potter no Brasil, que ocorreu no final do ano de 2001. Esta saga, foi tida como marco para que o gênero das *fanfics* começasse a ganhar força no país, como iremos detalhar mais à frente.

Por critérios de inclusão/exclusão optamos por selecionar aqueles trabalhos que dialogam com os conceitos chave de nossa pesquisa, e esses traçam uma relação entre a prática de *fanfiction*, as violências e abusos descritos nessas histórias e as desigualdades de gênero. A partir deste levantamento pudemos fazer observações bastante interessantes:

Tabela 1: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfiction*” + “educação”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	13 resultados
Periódicos CAPES	28 resultados
Scielo	0 resultado

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 2: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfics*” + “educação”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e	10 resultados
--	---------------

Dissertações)	
Periódicos CAPES	31 resultados
Scielo	1 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Nesse primeiro movimento, utilizamos tanto o termo “*fanfiction*” como o termo abreviado “*fanfics*” de modo a alcançar um número maior possível de resultados. Todavia, algumas produções acabam por se repetir.

Em uma primeira análise, ficou perceptível que os primeiros trabalhos publicados em torno da temática só surgiram após 2010 na plataforma BDTD. Já na plataforma CAPES, os artigos relacionados a *fanfiction* e educação só começaram a aparecer a partir de 2007, o que demonstra ser um tema ainda recente dentro do âmbito acadêmico.

Ao analisar inicialmente os títulos de todos os resultados encontrados, fica notório que os trabalhos têm por objetivo refletir sobre as práticas de leitura e escrita que as *fanfics* proporcionam aos alunos. Grande parte dos trabalhos situam-se dentro do campo da língua portuguesa ou inglesa, porém também encontramos trabalhos voltados para o ensino de biologia e cinema.

Ao final, selecionamos 10 (dez) artigos para uma leitura completa por seus títulos se mostrarem mais abrangentes à temática. Entretanto, após a leitura, ficou evidente que nenhum dos trabalhos buscou ir além da prática de produção e leitura de histórias como previsto no currículo de língua portuguesa da BNCC, que evita qualquer discussão referente a gênero e sexualidade, que é o nosso maior foco. Ao qual demonstra o pouco conhecimento dos profissionais da educação sobre a gama de possibilidades e discussões que a temática das *fanfics* podem trazer para a educação.

Tabela 3: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfiction*” + “inclusão em educação”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	0 resultados
--	--------------

Periódicos CAPES	2 resultado
SciELO	0 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 4: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfics*” + “inclusão em educação”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	0 resultados
Periódicos CAPES	3 resultados
SciELO	0 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Para a segunda análise pudemos observar que os resultados foram significativamente inferiores aos dos dois levantamentos anteriores.

Cabe enfatizar que nossa intenção com o conceito “inclusão em educação” se dá pela importância em compreender se é levado em consideração o público feminino como maior consumidor das *fanfictions* e se a questão da desigualdade de gênero é abordada ou não diante ao machismo bastante frequente nas plataformas de publicação.

Os resultados encontrados surgiram na plataforma CAPES apenas a partir do ano de 2007. Ao analisar os títulos ficou evidente a semelhança com o levantamento anterior, por conta do foco central no ensino da língua portuguesa e inglesa.

Ao perceber que 1 (um) dos trabalhos encontrados se repetiu, lemos 4 (quatro) artigos dos quais 1 (um) não tem relevância com a nossa temática. Dos 3 (três) restantes, compreendemos que a ideia de inclusão está centrada em trazer o jovem a se conectar com o universo da leitura e escrita, ao qual valoriza seus gostos pessoais e seu estilo de escrita. O que é de suma importância, já que as *fanfics* se encontram em um espaço de subalternização pelo seu caráter informal e de gratuidade, onde as histórias são produzidas em plataformas virtuais, mas de todo modo não é nosso foco central. Deste modo, os descartamos.

Tabela 5: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfiction*” + “cultura do estupro”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	0 resultados
Periódicos CAPES	0 resultados
Scielo	0 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 6: Levantamento bibliográfico com as palavras “*fanfics*” + “cultura do estupro”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	0 resultados
Periódicos CAPES	1 resultados
Scielo	0 resultados

Fonte: elaborada pelo autora

Aqui pudemos observar a pouca discussão das *fanfics* em relação a cultura do estupro. Ao analisar o único artigo encontrado, notamos que o autor debate a relação dos fãs com os recursos midiáticos de seu cotidiano (filmes, séries, youtube) e que resultam em produções em *blogs*, *fanfics* etc. Porém, não há um aprofundamento da discussão em termos de como tais recursos midiáticos consumidos pelos jovens possuem nuances sexuais e violentas veladas. Deste modo, o artigo foi descartado.

Tabela 7: Levantamento bibliográfico com as palavras “educação” + “cultura do estupro”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	19 resultados
Periódicos CAPES	698 resultados
Scielo	3 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 8: Levantamento bibliográfico com as palavras “inclusão em educação” + “cultura do estupro”:

BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	0 resultados
Periódicos CAPES	248 resultados
SciELO	0 resultados

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, vemos aqui que a temática da “cultura do estupro” já está em discussão no campo da Educação, ao qual cabe salientar um aumento significativo nos últimos 6 anos na plataforma CAPES, que é responsável por quase 500 artigos dentro do total de 698 produções.

O crescente debate pode estar fortemente vinculado ao caso de estupro coletivo que ocorreu no Rio de Janeiro no ano de 2016 e que popularizou o termo “cultura do estupro”.

No campo da inclusão em educação os resultados são levemente inferiores, porém as buscas na plataforma CAPES mostram que a temática já tem sido discutida desde o início dos anos 2000.

Ao analisar os títulos e resumos que mais se destacaram pela similaridade com a temática da pesquisa, visto a grande quantidade de resultados encontrados, fica notório que as discussões sobre Educação e cultura do estupro estão majoritariamente ligadas aos estudos de educação sexual. Ademais, também encontramos trabalhos referentes a algumas análises midiáticas, como a cultura do estupro presente no gênero musical *funk* e nas fotografias.

Já os resultados por inclusão em educação e cultura do estupro demonstram que o interesse nesses trabalhos é de compreender quem são os sujeitos excluídos da escola. É visível em grande parte dos artigos o foco em jovens grávidas, mulheres negras e indígenas. Assim, tais trabalhos foram em um sentido contrário ao nosso objetivo nessa pesquisa, pois a nossa intenção é trazer a discussão referente à desigualdade de gênero, através de práticas pedagógicas, que tornam o

âmbito escolar mais inclusivo, para auxiliar no combate às exclusões. Por isso, foram descartados.

Frente à temática da Educação e cultura do estupro, selecionamos 10 (dez) artigos e 1 (tese) de doutorado que buscaram dissertar sobre a origem do termo, e relacionam com as práticas de ensino. Já para a temática da inclusão em educação e cultura do estupro, selecionamos 5 (cinco) artigos acadêmicos que propõem traçar uma relação entre as exclusões que as mulheres sofrem e o ambiente escolar.

Apesar de encontrarmos trabalhos sobre a cultura do estupro presentes no campo educacional e de inclusão em educação, a temática ainda não é vinculada às práticas da *fanfiction*. A falta do diálogo sobre as violências expressas nessas histórias pode acabar por naturalizar seu uso nas escritas e distorcer a compreensão de um relacionamento saudável pelo público leitor. Assim, enquanto professores e pesquisadores, trazer essa discussão para a escola e campo acadêmico é de fundamental relevância.

Compreendemos, portanto, que nossa pesquisa visa debater uma área que ainda é pouco explorada no meio científico, mas de grande importância, visto que de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, só no ano de 2020, o país teve 3.913 homicídios de mulheres, dos quais 1.350 foram registrados como feminicídios, média de 34,5% do total de assassinatos (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021).

Ainda de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e a Unicef (2021), em torno de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil. Como mostram os dados divulgados no jornal G1 de São Paulo:

Figura 1: Gráfico de vítimas de violência sexual infantil:



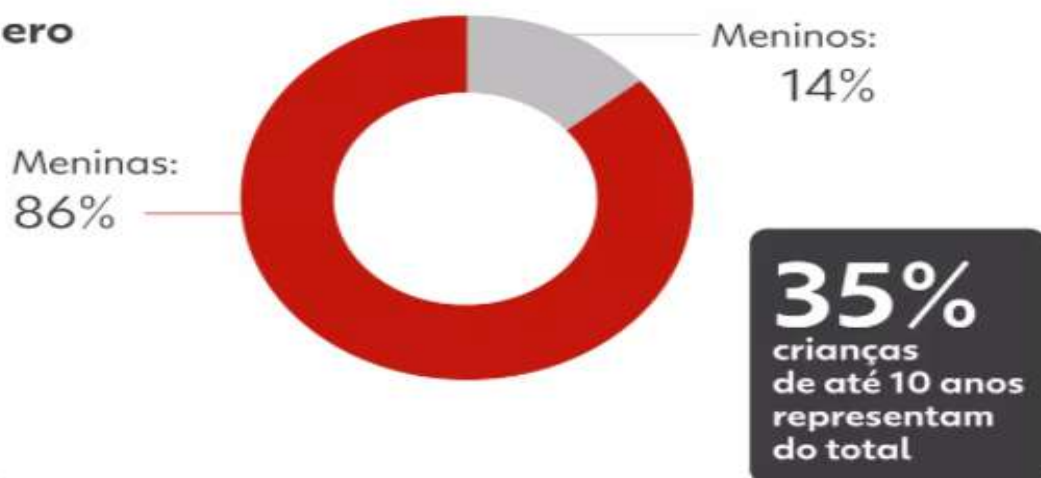
Fonte: elaborada por Fórum Brasileiro de Segurança Pública e UNICEF e publicado por G1.com em 22/10/2021

Além de ser o grupo que mais está exposto às violências e que compõe o maior número de mortes, ainda tem o fator de que grande parte de seus agressores são pessoas conhecidas das vítimas. Como mostrado nos gráficos seguintes:

Figura 2: Gráfico do perfil das vítimas de violência sexual enquanto a gênero:

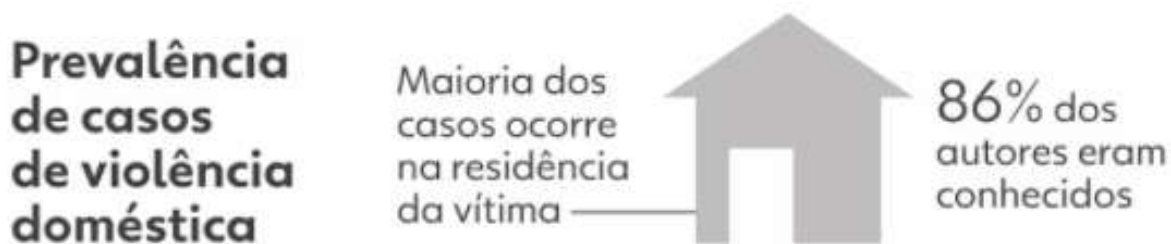
Perfil das vítimas

Gênero



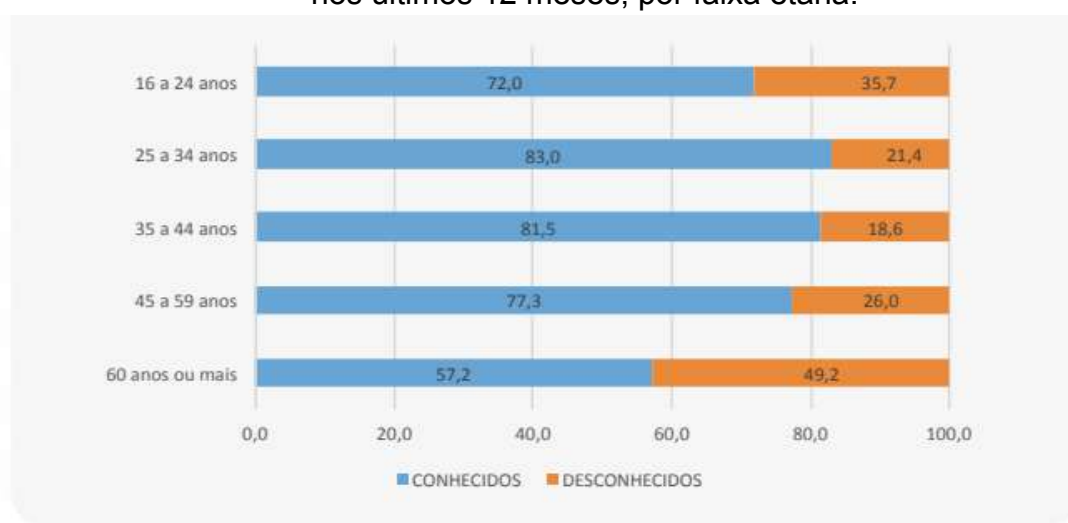
Fonte: elaborada por Fórum Brasileiro de Segurança Pública e UNICEF e publicado por G1.com em 22/10/2021

Figura 3: Percentual de violência doméstica contra criança:



Fonte: elaborada por Fórum Brasileiro de Segurança Pública e UNICEF e publicado por G1.com em 22/10/2021

Figura 4: Gráfico do tipo de agressor considerando a violência mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por faixa etária:



Fonte: Datafolha/FBSP, 2019

Fonte: elaborada por Datafolha/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Diante desses gráficos vemos a importância de conscientizar para que as violências não sejam naturalizadas e para que as vítimas saibam que devem denunciar as agressões sofridas. Todavia, essas figuras também nos trazem questionamentos como: se temos tantos casos de violência contra a mulher, por quê há uma predominância das mesmas na leitura e produção de *fanfictions* do gênero? Como podemos conscientizar nossos estudantes a respeito dos tipos de violência a fim de evitar que eles reproduzam tais conteúdos? São essas questões que buscamos compreender e discutir no decorrer desse trabalho.

A partir da nossa pesquisa e leitura, selecionamos 2 (dois) trabalhos para buscar entender a temática e analisar o funcionamento do gênero literário das *fanfictions*. São eles: Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno *fanfiction* - Dissertação - Universidade de Passo Fundo - Programa de Pós-Graduação em

Letras - Maria Lucia Bandeira Vargas - 2005 e A cultura informacional e participativa dos fãs: análise da rede e processo de criação - Tese - Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Geórgia Geogletti Cordeiro Dantas - 2015.

A pesquisa de Vargas (2005) caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e de campo, que propõe a apresentação do gênero *fanfiction* para a comunidade acadêmica. A pesquisa de campo implicou na coleta de dados, por meio de e-mail e questionários a autores de *fanfics*, a fim de se compreender as motivações que os levam a escrever. A partir de sua pesquisa, a autora conclui que a *fanfiction* é tida como uma prática de letramento online, realizada majoritariamente por jovens em idade escolar como uma atividade de lazer.

O trabalho de Dantas (2015), diferente do anterior, se mostra mais amplo ao buscar investigar como se dá a dinâmica da cultura informacional entre *fandoms* majoritariamente nos ambientes virtuais, onde são mais divulgados atualmente. O objetivo geral deste trabalho foi identificar, sistematizar e analisar a cultura informacional e a produção de fãs *producers*³ em meio à cultura participativa dos *fandoms* e a produção multimídia decorrente deles, e adota a metodologia quantitativa e qualitativa com destaque para elementos da crítica genética, análise de redes sociais, entrevistas e observação não participante. Como resultados, Dantas ressalta que foi possível observar que nas comunidades pesquisadas os fãs são, em sua maioria, mulheres com uma boa escolaridade que dedicam uma parte do seu tempo de lazer à produção cultural e que tais práticas proporcionam uma significativa aproximação desses grupos de fãs.

Para traçar um diálogo entre “*fanfics*” e a “cultura do estupro” tivemos por base as pesquisas de Herman (1984) e Brownmiller (1975), que compreendem o termo “cultura do estupro” como um movimento surgido na década de 70 que aponta a existência de uma cultura que define a sexualidade masculina como biologicamente agressiva e a feminina como biologicamente passiva. Brownmiller (1975) ainda argumenta que tal cultura é fortemente aceita e presente na nossa sociedade ao ser apresentada em diversas produções culturais como livros, filmes, séries e músicas sem serem devidamente problematizadas.

³ Termo oriundo do inglês para designar os fãs que, para além de consumidores, são produtores de conteúdos no meio tecnológico. Seja através de artes digitais, publicação de notícias, criação de histórias, etc.

De acordo com Herman (1984) essa cultura é tão impregnada socialmente que pode ser vista ao ensinar às mulheres a se comportarem “adequadamente”, como por exemplo, a não vestirem roupas curtas para evitarem o estupro, a serem polidas, passivas e delicadas. Enquanto homens podem demonstrar um comportamento mais agressivo, dominante e menos polido que lhes é aceito por ser um comportamento natural masculino.

Por fim, também fazemos uso do conceito de “inclusão em educação”, visto que nossa pesquisa é centrada nas práticas educacionais e nas *fanfics* que se encontram em um espaço predominantemente feminino que ao mesmo tempo é norteado por práticas machistas e patriarcais.

Logo, trazemos autores como: Santos (2003), que infere o termo “inclusão em educação” como um princípio democrático fundamental para garantia do direito à participação plena. Portanto, a inclusão é uma luta e um movimento constante que deve ser sempre repensado para visar assegurar o direito de todos à participação plena em qualquer instância da vida, inclusive a educacional; outra referência é Perez e Riboldi (2018) que discursam sobre a quarta onda do feminismo, que tem como principal característica a atuação nos meios de comunicação digitais, como por exemplo as redes sociais, que possibilitam as discussões de gênero e de luta pelo direito das mulheres cheguem a mais pessoas e outros espaços, como o escolar; por último, destacamos Oliveira (2019), que discorre a respeito das narrativas didáticas para o espaço escolar, e dá ênfase nos livros didáticos de história. Em seu trabalho, a autora resguarda que as instituições de ensino apresentam apenas o ponto vista dos grupos dominantes, e colaboram com a propagação de uma ordem socioeconômica hierárquica baseada em desigualdades de gênero e raça.

Dessa forma, buscaremos utilizar as leituras selecionadas para dissertarmos sobre a problemática das violências e do abuso nas *fanfictions*, temática que ainda não alcançou integralmente o espaço escolar, apesar das discussões de gênero e também das *fanfics* se encontrarem dentro do currículo. Tal silenciamento do tema pode contribuir para que os leitores e escritores dessas histórias normalizem relacionamentos tóxicos e criminosos.

2. CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Busca-se a realização de um estudo bibliográfico, que:

Constitui-se numa preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados como informações e ideias prontas. Na atualidade, praticamente qualquer necessidade humana conhecida tem algo escrito a seu respeito. Por isso, a pesquisa com base bibliográfica deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie. Daí a importância da pesquisa bibliográfica (SANTOS, 2004).

Portanto, partimos do levantamento bibliográfico já apresentado nesta pesquisa a utilizar as principais bases de dados: BDTD, Periódico CAPES e Scielo, nos quais nos dedicamos em alguns conceitos centrais para melhor aprofundamento teórico, compreensivo e analítico da temática de estudo. Com o objetivo de coletar os principais pontos sobre um assunto, que torna uma etapa crucial dada a extensão da temática de pesquisa.

Também utilizamos duas plataformas de escrita e leitura de *fanfiction* (*Spirit Fanfiction* e *Wattpad*) para compreender seu funcionamento e responder às hipóteses levantadas no estudo. Atualmente, há diversas plataformas para publicação e leitura de *fanfics*. A escolha das duas plataformas se deu por ambas possuírem produções em língua portuguesa (Brasil), pela facilidade de navegação e exploração para obtenção dos dados apresentados ao longo deste trabalho e por disponibilizarem aplicativos como segunda opção aos *websites*, o que facilitou a leitura offline através de aparelhos móveis.

Diante da impossibilidade de se realizar uma atividade direta com professores e alunos devido à pandemia do novo coronavírus (COVID-19), optamos por realizar uma pesquisa exploratória (BABBIE, 2001), por possibilitar desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, permitir a compreensão e investigação do fenômeno estudado e proporcionar uma familiaridade com o tema, principalmente ao se tratar de um estudo novo sobre um objeto ainda não muito estudado. Tal tipo de pesquisa permite também o uso de entrevistas com pessoas que tiveram experiências na área do assunto trabalhado.

Logo, realizamos um questionário com alguns dos autores das *fanfics* analisadas das plataformas *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*, de modo a compreender a motivação para criar histórias que continham os fatores foco (violência doméstica; obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto). O questionário foi compartilhado através da própria caixa de mensagem das plataformas para manter a privacidade e anonimato dos autores. Também

entrevistamos uma administradora desse espaço a fim de averiguar se havia algum tipo de cuidado com o que era produzido e submetido nesses sites.

Em suma, visamos utilizar também a abordagem qualitativa, em compreensão que tal pesquisa pretendeu, de acordo com Minayo & Gomes (2015), trabalhar com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos, além de nos permitir interagir com o ambiente e com o objeto de pesquisa.

Assim, partimos de fontes primárias, secundárias e terciárias para construção desse trabalho, em busca de uma maior fonte de dados e informações para dar credibilidade e possibilitar enxergar diversas vertentes deste estudo.

2.1 ANÁLISE DOS DADOS.

Ao compreender as plataformas como espaço de participação, interação, troca e cocriação de uma cultura por meio das histórias ali publicadas, analisamos um total de 4 (quatro) histórias, duas da plataforma *Spirit Fanfiction* e duas da plataforma *Wattpad*, que partem do pressuposto de que tais narrativas trazem um viés da cultura popular, como é defendido por Vargas (2015), que é construída a partir da necessidade daquele grupo.

Desse modo, as histórias não se limitam àquela cultura privativa, mas alcançam uma vasta variedade de visões sociais, políticas e culturais, onde ampliam nicho e público ao possibilitar que fãs de todo o mundo se posicionem e se coloquem dentro daquele universo.

Um exemplo breve que podemos citar são as *fanfics* produzidas por brasileiros que se passam em favelas do Rio de Janeiro e contam um pouco das experiências e vivências de moradores que devem lidar com a pobreza e o tráfico ao redor junto ao romance fictício e personagens que na maioria das vezes são personalidades famosas e nem sempre brasileiras de fato.

Logo, nosso objetivo é analisar algumas histórias de *fanfics* que contêm o que chamamos de “cultura do estupro” e entender a visão dos autores sobre a motivação para suas produções através dos questionários.

Para melhor análise dos fenômenos presentes nas histórias escolhidas partiremos da perspectiva Omnilética (SANTOS, 2013, p. 26), que explicaremos

mais à frente. Esta perspectiva analítica contribuirá para a hipotetização de motivos pelos quais essas histórias são produzidas e ganham popularidade nas plataformas, assim como para problematizá-las, promover práticas pedagógicas para conscientizar nossos alunos e proporcionar uma quebra das exclusões de gênero e, igualmente, da cultura do estupro presente nas escritas.

Outro conceito que cabe a ser analisado é o de inclusão em educação, definida por Santos (2004) como:

um processo que reitera princípios democráticos de participação social plena. Neste sentido, a inclusão não se resume a uma ou algumas áreas da vida humana, como, por exemplo, saúde, lazer ou educação. Ela é uma luta, um movimento que tem por essência estar presente em todas as áreas da vida humana, inclusive a educacional (SANTOS, 2003, p. 3).

A inclusão em educação é fundamental para que os alunos compreendam as hierarquias sociais existentes a fim de combatê-las, para romper com a propagação dessa cultura do estupro muitas das vezes reproduzidas sem ao menos se darem conta.

2.1.1 Perspectiva Omnilética.

Para realizar a análise dos dados utilizamos a perspectiva Omnilética (SANTOS, 2013, p. 26), que parte “em termos da integralidade, dualidade, complementariedade e transgressividade das dimensões culturais, políticas e práticas em relação ao mesmo tempo dialética e complexa”.

A perspectiva analítica, ainda nova no campo acadêmico, não busca ser uma teoria, visto que não está acabada e nem pretende ser finita. O objetivo é que possamos compreender os fenômenos humanos, e assim possibilitar ter um novo olhar de mundo e uma nova maneira de ser, de enxergar as diferenças como partes de algo maior e de compreender as relações entre inclusão/exclusão a partir de 5 dimensões: culturais, políticas e práticas (Booth & Ainscow; 2011), dialética (Lukács; 2003) e complexa (Morin; 200).

A perspectiva omnilética tem a característica de não trabalhar com ideias fixas e imutáveis. Dessa forma, analisar os fenômenos por essa perspectiva significa compreender que nem sempre haverá tranquilidade e paz, mas ao contrário, poderá haver o caos, as divergências, as contrariedades, os embates. Ou seja, é possível nos depararmos com os choques entre culturas, políticas e práticas de inclusão em educação e esse choque não é um problema e muito menos um limite. Ao contrário, os embates nessa perspectiva devem ser entendidos como desafios e impulsos para a construção de algo novo. (Senna, 2017, p. 37).

Entendemos por cultura os valores construídos socialmente como a cultura do estupro, conceito central desse trabalho, por compreender que em diversas histórias o modelo patriarcal, no qual o homem é superior à mulher, ainda é muito presente.

Por políticas podemos destacar, no seu nível macro, as políticas governamentais e arcabouço legal que resultam na prisão ou não de assediadores e abusadores, como a Lei Maria da Penha. Tais leis nos ajudam a compreender qual é a visão que temos da mulher socialmente ao longo da história. Podemos pensar também, nas políticas educacionais como a BNCC que inclui a temática das *fanfics* no currículo escolar. Já no nível micro podemos destacar aqui as políticas de publicação de histórias nas plataformas que podem proibir ou não produções com teor de violência contra a mulher.

Ao falar de práticas podemos pensar nos tipos de produções que estão em realização nesses sites, e se são de fato romantizados/normalizadas as violências, ou se buscam problematizá-las. Além das histórias em si, devemos pensar nas práticas dos professores em seu cotidiano que visam ao combate dessas violências e da produção desses conteúdos por meio de práticas pedagógicas.

Todas essas dimensões se interrelacionam de modo dialético, e consideram a totalidade da realidade pesquisada e o jogo entre contrários e contraditórios, que compreende como algo passível de mudanças. E também de modo complexo, visto que pequenos detalhes fazem diferença na composição das redes e nas interações entre os sujeitos presentes dentro do contexto a ser pesquisado. Trabalhar com a Omnilética é saber que tudo é passível de mudança e de interpretação, e não existe um estado final e imutável.

Isso pode ser notado de diversos modos dentro do campo pesquisado, de acordo que nem todas as produções que expressam algum tipo de abuso se posicionam a favor da violência sexual, alguns escritores podem ter viés de conscientização ao escreverem suas histórias, por visar as plataformas como um lugar de grande alcance do público jovem.

Ademais, com o passar dos anos, o feminismo foi crescente tal como a conscientização das violências sofridas pelas mulheres, e impactou o modo com que os jovens de hoje veem as histórias que contêm algum tipo de violência.

Essas características da Omnilética possibilitam ter um olhar muito mais atento e minucioso sobre a temática de pesquisa, que é tão extensa e complexa, onde leva a abrir diversas interpretações e traçar diferentes diálogos em cima de um

mesmo tópico. Podemos, por exemplo, em um mesmo assunto, refletir a partir de uma vertente educacional, psicológica ou política.

Apesar de sua ampla abrangência, não se engane ao achar que tudo é aceito. O que diferencia a Omnilética de outras perspectivas analíticas é que nela as possibilidades de estudo e análise são infinitas e considera-se sempre as dúvidas e incertezas no processo de problematização.

Logo, devemos ter um olhar cuidadoso sobre a motivação individual de cada escritor e o que os levam a produzir conteúdos embasados na cultura do estupro. Aquele sujeito romantiza a violência? Abomina? Ou está a externalizar algo que viveu/presenciou? Ou tudo isso junto?

3. CAPÍTULO 2: O QUE É *FANFICTION*?

3.1. RETRATOS DA ATUALIDADE.

Segundo dados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, se comparados os anos de 2015 e 2019, o Brasil perdeu cerca de 4,6 milhões de leitores. Os dados, um tanto alarmantes, podem nos mostrar o quanto a internet e as redes sociais estão atreladas à queda no índice de leitura no país. Ao focalizar no número de pessoas que usam a internet em seu tempo livre percebemos que de 47% em 2015 passaram-se para 66% em 2019; quanto às pessoas que usam Whatsapp, o índice foi de 43% em 2015 para 62% em 2019 e já as que optam por outras redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram partiram de 35% em 2015 para 44% em 2019.

Não tem como negar que a internet está presente em nosso cotidiano. Ao pôr na realidade a pandemia do novo Coronavírus que deu início no país em 2020, nos encontramos ainda mais presos às novas tecnologias como única fonte de comunicação com o mundo exterior, de estudo e de lazer. Porém, do mesmo modo que as redes sociais distanciam o público da leitura, ainda há outras opções dentro do ciberespaço que possibilitam sua reconexão.

Nos referimos aqui às *fanfictions*. O termo que em sua tradução significa “ficção de fãs”, surgiu no final dos anos 60 como revistas amadoras realizada por fãs com a finalidade de dar continuidade a determinada história já existente. Com a popularização das tecnologias e criação de *e-books*, *Kindle* e outros meios de leitura

online, as *fanfics* migraram para o ciberespaço e ganharam cada vez mais notoriedade (SOUZA; SILVA; SANTOS. 2020).

Os fãs são compreendidos como pessoas que apoiam ou enaltecem determinado artista ou sua obra. Como, por exemplo: ator, saga de filmes, seriados, cantor, banda ou grupo musical, influencer digital⁴, *youtuber*⁵, escritor ou suas obras, etc. Assim, as *fanfics* se tornaram um meio de comunicação muito utilizado para aproximar os grupos de fãs, também conhecido como *fandoms*, através de escrita e leitura de histórias.

As *fanfics* são histórias com uma finalidade diferente das que costumamos ver em livros, pois elas, em específico, baseiam-se em elementos já preexistentes da cultura pop, como por exemplo: filmes, livros, seriados, *animes*⁶ e celebridades.

A característica mais marcante da *fanfiction* é por ela ser baseada em obras fictícias ou em pessoas reais. Apesar disso, as histórias não são tidas como plágio. De acordo com a Lei n.º 9.610/98, as *fanfics* se enquadram no que é denominado “obra derivada”. Ou seja, é uma criação intelectual nova, resultado da transformação de uma obra originária (RIBEIRO, 2019).

De acordo com Vargas (2005), a primeira revista amadora encontrada, também conhecida como *fanzine*, foi baseada na série de televisão Star Trek (Jornada nas Estrelas), publicada em 1967. Vale ressaltar que a finalidade da criação das obras não é lucrar ou plagiar o produto original, mas sim interagir com aquele universo ficcional em busca de diversão e um diálogo com outras pessoas que compartilham do mesmo gosto.

Muitos artistas e criadores desses universos, por sinal, não veem problemas significativos com a criação de *fanfics*, pois tais produções também servem como publicidade para seu trabalho.

Em sua origem, as *fanfictions* tinham a intenção de adicionar capítulos extras às histórias das quais o autor era fã, numa tentativa de estender o contato com aquela produção, mas com o passar do tempo essas características se ampliaram, passaram a ser histórias completas (começo, meio e fim), com ambientação própria, com misturas de personagens de diferentes universos, e/ou até mesmo com a criação de personagens para agregar à narrativa da história. O escritor de *fanfics* é

⁴ Pessoa que influencia. Tal termo ficou bastante conhecido com a criação da rede social instagram e conquistou muita popularidade ao redor do mundo.

⁵ Criador de conteúdo na rede social YouTube.

⁶ Animes são desenhos animados produzidos no Japão. Exemplo: Naruto, Sailor Moon e Pokémon.

aquele sujeito que não se atém a somente determinada obra, mas quer expandi-la e deixar sua marca naquele universo.

A partir dos estudos de Jenkins (1992), podemos ver algumas dessas características do universo das *fanfics*, que foram criadas ao longo dos anos, como: recontextualização de uma história, ao qual visa o preenchimento das lacunas deixadas pela obra original; finais alternativos ou continuações da história; diferentes narrativas, contar a mesma história sob a perspectiva de outro personagem; os famosos *crossovers*, ou seja, a utilização de outros universos para constituir a história. Por exemplo, uma *fanfic* situada dentro do universo de Harry Potter e também do Senhor dos Anéis; ambientação alternativa, para quando o próprio autor cria o universo em que tais personagens já existentes serão inseridos; e a inserção do “eu” nas histórias, a fim de o autor se tornar parte daquela produção de que é fã e trazer o conto para dialogar com seus valores e experiências pessoais.

A popularidade do novo gênero literário deu surgimento a *websites* e fóruns virtuais para que os fãs consumissem esse conteúdo. Tais histórias eram facilmente encontradas em *tumblr*s e em *blogs*. Com o decorrer do tempo, passou a surgir plataformas próprias para leitura e escrita de *fanfiction* que ampliaram a socialização e a divulgação entre aqueles que partilham dos mesmos interesses.

3.2. O LUGAR DA VALORIZAÇÃO.

Diante de uma crise sanitária global, o país se encontra numa situação de extrema pobreza. Enquanto realizava a escrita desta monografia, o mundo ficou em choque com a reportagem do jornal Extra, sob manchete "A dor da fome", publicada em 2021. A alta no índice de desemprego somada à alta no preço dos alimentos levou muitas famílias a passarem fome. Mesmo aquelas que têm uma garantia de alimento estão a cortar gastos diante das incertezas do momento caótico que vivemos no país.

Enquanto para alguns gastar dinheiro em livros é uma alternativa inviável no atual momento, para outros foi uma forma de lidar com a quarentena e o *lockdown* que resultou na falta de contato social.

De acordo com uma pesquisa realizada pela *Nielsen BookScan* e divulgada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros no ano de 2021, entre os dias 16 de agosto e 12 de setembro de 2021, o mercado registrou um aumento de venda de

livros em 8,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Tais dados só ressaltam o aumento expressivo na desigualdade social vivenciada no país e que tem impacto significativo na educação, e levam em conta que diante da crescente inflação em tempos pandêmicos, o valor dos livros tende a subir cada vez mais, e ficou inviável para famílias de baixa renda investir no meio literário (MATOS, 2020).

Nesse quadro desigual e a grande adesão das novas tecnologias como recurso indispensável para o ser humano, as plataformas populares de leituras de *fanfics*, tais como *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*, ganham cada vez mais notoriedade pelo público jovem, pois além de ser um lugar de maior contato de fãs e de diálogo entre pessoas com os mesmos gostos culturais (músicas, livros, filmes, seriados, etc) ainda é um lugar gratuito tanto para leitura quanto para escrita.

Dessa maneira, além de poder consumir histórias gratuitamente, ainda há a possibilidade de utilizar de sua criatividade e interesses para produzir suas próprias histórias sem pagar nada para o *website* ou alguma editora. Algumas produções ganham tanto notoriedade que acabam por virar livros físicos ou *e-books*. Grandes exemplos disso são as sagas “50 tons de cinza” e “After”, *fanfictions* que viraram livros e apareceram na lista dos 37 livros mais citados dentro da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” de 2019.

Até o início dos anos 2000 a *fanfiction* não era tão popular no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, onde já havia várias plataformas dedicadas à leitura e escrita, como o até hoje conhecido *fanfiction.net*. Porém, tal quadro mudou severamente com a popularmente conhecida criação de J.K Rowling que marcou uma geração (VARGAS, 2005). As aventuras de Harry Potter levaram muitos leitores que conheceram a saga através tanto dos livros (que foram inicialmente publicados em 1997), quanto dos filmes (cujo primeiro filme foi lançado em novembro de 2001) para as plataformas de *fanfics* a fim de expandir o universo de magia e bruxaria de *Hogwarts*. Tal universo, por sua extensão, possibilita uma gama de produções variadas. Tais como uma escola de bruxaria no Brasil, personagens independentes, romances entre membros das casas de *Hogwarts* (Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal, Sonserina), personagens LGBTQIA+, etc. As *fanfics* possibilitam que seus fãs assumam um papel de protagonistas nas histórias, e possam modificá-las e alterá-las do modo que desejarem, fazer uso de sua criatividade, criar novos espaços, novos finais e até mesmo uma nova personalidade e características para personagens já preexistentes.

Com a grande proporção que a saga de bruxaria tomou no país, fãs passaram a criar espaços para publicação em português. A plataforma mais antiga encontrada foi o “Edwiges Homepage”, nome dedicado à coruja do protagonista da saga, que foi ao ar em novembro de 2000. Em seguida, outras plataformas surgiram como o “Aliança Três Vassouras”, fundado em novembro de 2002. Assim, constitui-se inegável a contribuição da saga Harry Potter para a onda das *fanfics* no país, que com o tempo se ampliou, e teve adesão de outros *fandoms*.

Em seus estudos, Busse e Hellekson (2001) dividiram as *fanfics* em três gêneros principais: *gen* (abreviação na língua inglesa de geral), *het* (abreviação na língua inglesa de heterossexual) e *slash* (do verbo inglês, “golpear, talhar, lascar, criticar” e do substantivo inglês “barra”, como em sinal ortográfico barra, que serve para separar palavras, como na expressão e/ou). *Gen* são os contos gerais, sem nenhum envolvimento afetivo entre os personagens principais. *Het* são as histórias com romances heterossexuais e, por fim, as mais conhecidas que são as *slash fanfics*, que envolvem pessoas do mesmo sexo.

Com o passar dos anos, outros gêneros foram criados de modo à atender a criatividade dos autores como, por exemplo, as “*songfics*”, que são as histórias publicadas que tem por base uma música como fonte para enredo e as “*one-shots*” que seriam as histórias mais curtas, de um único capítulo.

As *fanfics* nas quais os protagonistas possuem uma relação homoafetiva ou “*slash*” se tornaram muito populares dentro da comunidade de fãs. Em retorno ao universo de Harry Potter, podemos ver diversas leituras com protagonistas homossexuais. *Fanfiction* com romance secreto entre Harry Potter e Draco Malfoy ou Draco Malfoy e Severus Snape passaram a ganhar grande engajamento nas redes, ao compreender que uma parcela da sociedade quer ver a comunidade LGBTQIA+ receber notoriedade e protagonismo nas produções que, até então, quando apareciam, era apenas como personagens secundários com pouco aprofundamento no trama.

Logo surgiram *fanfics slash* dentro dos *fandoms* de diversos grupos e bandas, como por exemplo: One Direction, Fifth Harmony, Stray Kids e Blackpink. É muito comum nos *fandoms* se criar uma relação amorosa entre amigos e parceiros de um mesmo grupo e alimentar essa relação através das *fanfics*. Essas produções

são muito marcantes entre os fãs do One Direction, antigo grupo teen⁷, o qual conta com diversas histórias de romance entre as celebridades Harry Styles e Louis Tomlinson, facilmente encontradas nas plataformas de leitura e escrita de *fanfiction*. Esse *ship*⁸ ficou popularmente conhecido, e é até mesmo citado na série original da HBO chamada “Euphoria”, no qual em um dos episódios, uma das personagens retrata sua popularidade na internet devido à escrita de uma *fanfiction* de romance entre os dois artistas.

Tais produções com personagens LGBTQIA+ foram fundamentais para a elaboração de livros físicos com protagonistas homossexuais das histórias, como vemos no livro e filme “Com amor, Simon”. Afinal, os fã clubes são grandes consumidores e divulgadores, e são uma grande aposta de marketing de muitas empresas.

Porém, com o tempo o termo “slash” começou a ser mal-visto por alguns dos leitores e escritores das plataformas de publicação de *fanfics*, pois essas produções passaram a apresentar constantemente cenas de sexo explícito e diversos tipos de violência.

Cabe ressaltar que essa característica não é particular das *fanfics* homoafetivas, pois há subgêneros também conhecidos por apresentarem esse tipo de conteúdo com personagens heterossexuais. Ademais, tanto nas *fanfics* “slash” quanto em diversos outros subgêneros podemos encontrar situações de pedofilia e incesto também. (VARGAS, 2005).

Algumas plataformas optam por excluir esse tipo de produção, porém, com a dimensão que essas histórias vêm a ganhar dentro dos *websites* fica difícil controlar o que entra e o que sai. Assim, se tornou fácil encontrar nesses espaços *fanfics* que possuem conteúdo explícito e abusivo, sejam elas produções nacionais ou internacionais, e que são consumidas e escritas inclusive por menores de idade.

Essas produções serão foco do nosso trabalho e analisadas nos próximos capítulos, mas cabe ressaltar que a existência desses subgêneros não devem diminuir a importância que a *fanfiction* tem para esses jovens leitores e escritores.

Com o aumento no número de produções nas plataformas de *fanfics* nacionais, algumas optaram por elaborar artigos sobre a língua portuguesa como

⁷ grupo jovem/adolescente.

⁸ termo reduzido originário da palavra “relationship”, em português “relacionamento”. É utilizado dentro da comunidade de fãs para indicar que apoia um determinado relacionamento amoroso entre famosos, que pode ser uma relação fictícia ou não.

forma de incentivo para futuros escritores, de modo a desenvolver sua escrita e melhorar os conteúdos ali publicados. Plataformas como *Spirit Fanfiction* possuem 58 artigos até o dia desta escrita (16/04/2022). Assim, fica claro o incentivo para o desenvolvimento de uma escrita que respeite as normas cultas e a ortografia da língua nacional. Juntamente com a valorização da produção independente, as *fanfics* ganharam o público jovem.

Por fim, as *fanfictions* se tornaram um espaço de valorização de histórias que protagonizam as minorias, tal como um local que possibilita o diálogo com novas leituras e criação de novos mundos, e levam os leitores a enxergarem esse ambiente como um lugar seguro para se expressarem e compartilharem livremente.

3.3 A FEBRE DAS FANFICS.

Como dito anteriormente, as *fanfictions* são narrativas realizadas no ciberespaço, se tratam de histórias escritas e complementadas por fãs de um universo já preexistente ou até mesmo de pessoas famosas como atores, músicos e grupos musicais.

Em um país onde há pouco hábito e incentivo literário é de se surpreender que tais histórias possam prender os jovens de modo a levá-los a utilizar de seu tempo livre para leitura por puro lazer. Ao analisar plataformas como *Spirit Fanfiction* e *Wattpad* podemos levantar algumas hipóteses quanto aos motivos pelos quais as *fanfics* têm forte adesão pelo público jovem.

Além das histórias se encontrarem dentro de um espaço virtual, no qual os jovens da “Geração Z”⁹ passam maior parte do seu dia, ainda é oferecido majoritariamente de forma gratuita. Também, é um local que possui chats disponíveis e espaço para comentários públicos, assim possibilitam maior contato entre leitor/leitor, leitor/autor, autor/autor e fãs de modo geral. A linguagem informal e singular das histórias é outro fator crucial, pois aproxima aquela obra da realidade do sujeito, tal como a utilização de produtos e marcas da indústria do entretenimento presentes no dia a dia desses jovens (VARGAS, 2005).

Outros pontos fundamentais se encontram na facilidade de navegação dos sites, a fim de se encontrar as histórias desejadas, com os personagens desejados

⁹ Termo que define um determinado grupo de pessoas que nasceram entre o final dos anos 90 até início de 2010 e que foram marcados pela inovação tecnológica como a expansão do uso de computadores e celulares.

e igualmente pela gama de gêneros e categorias disponíveis. Como podemos ver nas seguintes imagens:

Figura 5: Lista de Gêneros do *Spirit Fanfiction*.¹⁰

Lista de Gêneros
Ação
Aventura
Comédia
Drabble
Drabs
Drama / Tragédia
Droubble
Esporte
Família
Fantasia
Festa
Ficção
Ficção Adolescente
Ficção Científica / Sci-Fi
Gay / Yaoi
Lésbica / Yuri
LGBT
Lírica

Fonte: Spirit fanfiction.

¹⁰ Disponível em: [Lista de Gêneros - Spirit Fanfics e Histórias \(spiritfanfiction.com\)](https://spiritfanfiction.com) Acesso em: 24/11/2020

Figura 6: Lista de Gêneros do *Spirit Fanfiction*: continuação.¹¹

Literatura Erótica
Literatura Feminina
Luta
Magia
Mistério
Misticismo
Musical (Songfic)
Poesias
Policial
Romântico / Shoujo
Saga
Sobrenatural
Steampunk
Survival
Suspense
Terror e Horror
Universo Alternativo
Violência

Fonte: *Spirit Fanfiction*

¹¹ Disponível em: [Lista de Gêneros - Spirit Fanfics e Histórias \(spiritfanfiction.com\)](http://spiritfanfiction.com) Acesso em: 24/11/2020

Figura 7: Lista de categorias do *Spirit Fanfiction*¹²

Lista de Categorias de Fanfics	
Todas as Categorias	Categorias Favoritas
Animes & Mangás	
Bandas & Músicos	
Cartoons	
Celebridades	
Filmes	
Games	
Histórias Originais	
Livros	
Mitologias & Lendas	
Quadrinhos	
Séries, Novelas & TV	
Youtubers & Social Media Stars	

Fonte: *Spirit fanfiction*

Cabe enfatizar que grande parte dessas categorias e gêneros são específicos das *fanfics*, criados para agregar a gama de produções realizadas dentro das plataformas e a criatividade de seu público, assim, podem mudar de site para site.

Apesar dos pontos positivos, ainda assim as *fanfictions* não recebem sua devida atenção. Muitas vezes as histórias são desvalorizadas, por serem produzidas em um espaço aberto a todos, onde os internautas podem produzir livremente independentemente de dominarem bem ou não as normas gramaticais da língua portuguesa.

As *fanfics* recebem esse olhar de subalternização da sociedade pela sua apropriação da “cultura popular” e “cultura de massa” (DANTAS, 2015). Desse modo, as produções não são levadas a sério e os escritores raramente divulgam seus trabalhos para fora do *fandom*, onde é reconhecido. A desvalorização das histórias por parte dos pais, professores e a comunidade em geral não só diminui uma fonte fundamental de incentivo à leitura e escrita, como também desprende o

¹² Disponível em: [Lista de Categorias de Fanfics - Spirit Fanfics e Histórias \(spiritfanfiction.com\)](https://spiritfanfiction.com/)
Acesso em: 25/01/2022.

olhar sobre os pontos negativos das *fanfics* às quais muitos jovens estão expostos.

3.4 NEM TUDO É UM MAR DE ROSAS.

De acordo com Jenkins (2006), as *fanfics* são predominantemente produzidas pelo público feminino, que aponta, inclusive, serem as possíveis responsáveis pela sua criação. Ademais, vemos uma grande adesão do público jovem, que pode ser confirmado ao ver as categorias mais populares da plataforma *Spirit Fanfiction* que conta com: Harry Potter, One Direction, Justin Bieber, BTS, Blackpink, EXO, Got7 e mais, que são os rostos populares dentre a Geração Z, podem notar nesses últimos nomes o forte domínio de grupos do gênero K-pop¹³ que são aclamados por grande parte dos jovens na atualidade.

Com isso em mente, podemos focalizar na questão central da pesquisa, que são as produções para maiores de 18 anos, por conter violência sexual e doméstica, relacionamento abusivo (obsessão amorosa), pedofilia e incesto e suas naturalizações, e muita vezes romantizações, presentes dentro dessas escritas.

Vale enfatizar que não é em todos os fã clubes que esse tipo de *fanfiction* é aceita. De acordo com nossa análise das produções, fica evidente que grande parte das *fanfics* que contenham algum tipo de conteúdo maléfico se encontra presente na categoria de famosos como, por exemplo, os atuais grupos de *K-pop*. Compreendemos esse destaque diante da complexa relação entre ídolos e fãs, visto que cria-se um amor platônico que muito dificilmente será correspondido, que leva a essas pessoas a recorrerem a plataformas de escrita de *fanfics* para escrever romances com uma ambientação fictícia que alimente essa relação impossível.

Dantas (2015) aponta que esses fãs criam uma relação emocional com determinado objeto cultural (filme, artista, livro, série etc) e é dessa relação que eles se alimentam. Podemos ver essa necessidade de aproximação entre fã/ídolo quando nos deparamos com produções nas quais a personagem principal recebe o nome de “y/n”, abreviação para *your name*, que em português significa “seu nome”. A intenção aqui é clara, levar o leitor a se colocar no lugar de protagonista daquela história que se relaciona amorosamente com o artista protagonista da obra.

¹³ Abreviação para Korean Pop ou Pop Coreano. Trata-se de um gênero musical que surgiu na Coreia do Sul e vem ganhando cada vez mais força na mídia pelo público jovem.

Independente de que grupos mais produzem esse tipo de conteúdo, ainda assim é notório que as produções mais consumidas de modo geral possuem algum tipo de relação abusiva.

Ao analisar a sinopse e *hashtags*¹⁴ das 10 primeiras *fanfics* mais populares no ranking disponibilizado na plataforma *wattpad* no dia 17 de abril de 2022, pudemos ver que sete delas continham algum tipo de conteúdo de violência contra a mulher, nas quais duas estão classificadas como conteúdo adulto.

Dentre o top 10, seis dessas histórias giram em torno das favelas do Rio de Janeiro e do tráfico, e roteiriza um romance entre uma moradora e o chefe do tráfico local. Tal conteúdo é comumente encontrado nas plataformas pesquisadas.

Apesar da classificação “para maiores de 18 anos”, é válido ressaltar que não há nenhum tipo eficaz de supervisão dos sites que impeça menores de idade de ler esses conteúdos. Inclusive, é natural encontrar autores de 17 anos ou menos que produzem histórias com classificação acima dos 18 anos. Apesar de parecer contraditório, colocar classificação de idade apenas impede que as histórias sejam banidas dos sites diante aos critérios de publicação das plataformas, mas não impede que menores de idade as consumam.

De modo a provar que não é um exagero nosso, e por pura preocupação sobre o que os jovens vêm a produzir nesses espaços, realizamos um breve levantamento de dados dentro dos sites *Spirit Fanfiction* e *Wattpad*, com o objetivo de visualizar a quantidade de histórias que possuem como palavras-chave algum tipo de violência explícita.

Diante do que foi encontrado, obtivemos resultados alarmantes:

Tabela 9: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + obsessão”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	1.300 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	1.700 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	486 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	526 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

¹⁴ Tal como a palavra-chave, serve para indicar um assunto ou discussão principal a ser tratado na história.

Tabela 10: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + incesto”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	4.500 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	5.200 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	924 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	852 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 11: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + pedofilia”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	4.300 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	5.200 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	0 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	0 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 12: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + estupro”

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	15 mil resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	16.700 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	12 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	11 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 13: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + abuso”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	1.800 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	2.500 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	30 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	30 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 14: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + violência sexual”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	914 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	1.100 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	0 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	0 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 15: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + violência doméstica”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	120 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	141 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	4 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	3 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Tabela 16: pesquisa nas plataformas por “*fanfic* + relacionamento abusivo”:

Site <i>wattpad</i> em 20/08/2021	732 resultados	Site <i>wattpad</i> em 12/07/2022	904 resultados
Site <i>spirit fanfiction</i> em 20/08/2021	30 resultados	Site <i>spirit fanfiction</i> em 12/07/2022	30 resultados

Fonte: *Spirit fanfiction* e *Wattpad*.

Vale ressaltar que, a discrepância nos resultados entre as plataformas se dá diante do fato de que no *Spirit Fanfiction* os resultados aparecem apenas se a palavra-chave se encontrar no título, o que pode nos indicar que há muito mais histórias com tal conteúdo agressivo nas entrelinhas, mas não necessariamente é o ponto norteador daquela produção, ademais há administradores atentos a esse tipo de produções que são proibidas no site e estão prontos para deletá-las da plataforma.

Por outro lado, o *Wattpad* faz uma busca mais minuciosa dos conteúdos, que para além do título inclui a sinopse e as hashtags da história, assim, ampliam o número de resultados. A popularidade da plataforma na atualidade por ter um

alcance internacional também deve ser considerada, tal como às grandes produções que saíram desse espaço “restrito” para alcançar a livrarias, cinemas e redes de streaming como a saga de livros “*After*” de 2019 que se originou como uma *fanfic* do *wattpad* e hoje tem seus filmes incluídos no catálogo do amazon prime e HBO max e também do filme “Através da Minha Janela” de 2022 que pode ser encontrado no catálogo da Netflix. Logo, a popularidade da plataforma interfere significativamente no número de produções que são nela publicadas frequentemente.

É importante enfatizar que esses dados são exclusivos de *fanfics* no idioma português. Todavia, ambas as plataformas possuem *fanfics* em outros idiomas e o *Wattpad* não é uma plataforma nacional, o que pode ocasionar em um número ainda muito maior de resultados.

No levantamento realizado no início da monografia para o feito no final da escrita dessa pesquisa vemos que na plataforma *Spirit Fanfiction* houve uma leve diminuição ou se manteve o número de *fanfics* com teor malicioso, com exceção do levantamento pela palavra chave “*fanfic* + obsessão”. Isso pode ter ocorrido pelo movimento de exclusão dessas histórias pelos administradores dos sites ou denúncia dos próprios leitores, ou, pode ter ocorrido pela exclusão das histórias ou contas dos próprios autores, que perderam interesse na escrita de *fanfics*.

Já na plataforma *Wattpad* nota-se um movimento contrário, visto que ocorreu um significativo aumento nas produções com palavras-chave dessa pesquisa de monografia. Prova-se que ainda há uma procura e demanda sobre essas produções.

O levantamento não quer necessariamente dizer que todas as histórias que possuem as palavras-chave acima mencionadas venham a defender ou naturalizar as relações de violência. Algumas histórias, como de fato foram encontradas durante a pesquisa, apesar de poucas, deixam claro em sua sinopse que não têm a intenção de colocar tais relações de abuso como algo comum ou romântico. Portanto, cabe a nós, mais uma vez, ter um olhar atento e delicado em cima das *fanfics* para não generalizar todas as produções ali publicadas.

Apesar de não serem todas, acreditamos que tais resultados são problemáticos e requerem um diálogo mais aprofundado da temática de violência sexual. Assim, surge a necessidade de compreender o porquê de tantos jovens

consumirem esse tipo de conteúdo e como podemos conscientizar nossos alunos através de práticas pedagógicas.

3.5 FANFICTION E EDUCAÇÃO.

As *fanfics* ganharam tamanha notoriedade que com o passar dos anos, e diante da evolução tecnológica, se encontra prevista na BNCC como conteúdo curricular. As *fanfictions* estão presentes dentro do conteúdo curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, com o objetivo de apresentar o novo gênero literário como uma das práticas de linguagem contemporâneas que surgiram a partir dos avanços da tecnologia.

O objetivo dessa inclusão visa: a análise das diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos; a participação de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, etc; dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs. (BRASIL, 2017)

Já no Ensino Médio, a temática das *fanfics* também aparece dentro do conteúdo de Língua Portuguesa como abordagem de Linguagens e suas tecnologias, que situa-se dentro do campo artístico-literário. Mas, diferentemente do Ensino Fundamental, que tem um caráter mais reflexivo e analítico, no Ensino Médio há uma presença do caráter mais prático, e incentiva os alunos a criarem obras autorais, em diferentes gêneros e mídias, como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Se tais conteúdos já estão inseridos em nosso currículo e nossos alunos se encontram expostos a essas histórias, é importante que nós, professores, aproveitemos isso para construir uma prática pedagógica libertadora e interdisciplinar. De modo a conscientizá-los sobre o que pode ser encontrado nas plataformas de leitura e escrita de *fanfics* e que tenham um olhar crítico e reflexivo sobre as questões sociais e de desigualdade de gênero, de modo a não romantizar e nem tão pouco naturalizar relações abusivas.

4. CAPÍTULO 3: A CULTURA DO ESTUPRO E A IMPORTÂNCIA DE MEDIDAS DE COMBATE

4.1 A VISÃO DA MULHER NA SOCIEDADE.

Antes de abordarmos o conceito em si e sua relação com a escrita e leitura de *fanfiction*, precisamos fazer um breve recorte histórico do papel da mulher na sociedade e do significado atribuído ao estupro.

Por muitas décadas o papel da mulher foi limitado à reprodução, portanto, suas atribuições na sociedade eram restringidas ao cuidado da família e da casa. Logo, passa-se a enxergar o sexo feminino como emotivo e passivo. Enquanto isso, ao homem era atribuído o papel de caçador, guerreiro, e que tem o papel ativo e autoritário, principalmente dentro da família, considerado o “chefe da casa”, ao qual cabe à mulher apenas obedecer. De acordo as autoras Oliveira e Resende (2020):

[...] na Idade Média, era determinado que uma mulher devesse ter ao seu lado uma figura masculina, para garantir sua proteção e sustento. Na Grécia antiga, as mulheres eram definidas como um erro da criação divina, por serem consideradas incapazes. Na Idade moderna, viam-nas como o “mal do homem”, tidas como sedutoras e predadoras, que despertavam o seu lado negro; assim, quando vítima de violência sexual, era incentivada a cometer suicídio, para salvar a honra da família. (OLIVEIRA; RESENDE, 2020, p. 86).

Por essas caracterizações atribuídas à mulher ao longo da história, foi construída uma imagem de sujeito fraco, que deve acatar tudo que o homem fala, e se torna apenas um objeto no meio social. Devido a esse olhar retrógrado, a mulher era vista como um “prêmio” para os homens, em situações nas quais queria-se fazer valer uma relação de poder sobre o outro. Por exemplo, ao retornar de uma guerra, os soldados recebiam mulheres como “recompensa”, isso quando não tomavam “posse” e estupravam as mulheres do lado derrotado, como forma de diminuir e desonrar o oponente. O ato de estuprar a esposa do rival atribui ao estuprador uma visão de poder e posse frente ao seu oponente, e objetifica mais uma vez a mulher.

Um outro fato histórico que reforça essa objetificação do sexo feminino no decorrer da história foi durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) no qual militares japoneses levavam à força mulheres de diversos países da Ásia para servir de “conforto” aos soldados que lutavam na guerra. As jovens sequestradas recebiam o nome de “mulheres de conforto”, e eram mantidas na base do Japão com o único objetivo de satisfazer os homens, apenas foram liberadas no fim da guerra. Esse ato de “conforto” para os soldados consistia em horas de terror para as mulheres que foram estupradas por diversos homens por anos.

Não se sabe ao certo o número de mulheres forçadas a tais práticas. Porém, de acordo com a reportagem do BBC News Brasil (2015), calcula-se que sejam em torno de 200 mil vítimas vindas de toda a Ásia e majoritariamente da Coreia do Sul, visto que a ocupação do Japão no país durou até o fim da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945.

Assim, compreendemos que esse ato de tomar “posse” e de atribuir a mulher o único e exclusivo papel social de reproduzir e cuidar do marido, lar e filhos é uma prática que vem de séculos e até hoje se encontra muito comum, apesar de já haver diversas leis, decretos e debates sobre igualdade de gênero.

Podemos tomar por exemplo, Quirguistão, país da Ásia Central, onde ocorre o chamado “Ala kachuu”, que literalmente significa “pegar e correr”. A prática consiste em sequestrar e estuprar as mulheres e depois forçá-las ao casamento, visto que elas não são mais virgens. Apesar de ser proibido e considerado um crime, é ainda muito frequente no país. E por que será? Apesar de leis e debates que criminalizam e repudiam o ato, o machismo e a visão estereotipada da mulher na sociedade ainda são muito fortes.

A idealização da pureza e virgindade é um fator que é até hoje tido como imprescindível para a mulher ser respeitada no meio social e que tem interferência significativa no quadro de estupro nos países, inclusive no Brasil.

No artigo 222 do código criminal imperial de 1830 do Brasil, o estupro era descrito como “ter cópula carnal por meio de violência, ou ameaças, com qualquer mulher honesta.” Ressaltamos aqui o termo “honesta”, compreendida como virgem, que seguia as normas atribuídas socialmente para a mulher e que não ia contra os princípios do modelo patriarcal. Logo, prostitutas, escravas, outras mulheres que não se enquadravam no modelo socialmente aceito raramente ganhariam um caso contra seu agressor.

Ademais, o estupro só era de fato validado em casos no qual o agressor não tinha vínculos com a vítima, compreendido como um sujeito que possui algum tipo de distúrbio mental ou transtorno, que ataca suas vítimas nas ruas escuras, noite adentro. Ao se tratar de um familiar como pai, irmão ou tio a situação se tornava complexa, pois ia contra a visão social pré-estabelecida de um esturador (OLIVEIRA; RESENDE, 2020).

Quando o agressor é o marido a situação é ainda pior, visto que a mulher era compreendida como posse do homem e que ela tinha a obrigação de realizar atos

sexuais, afinal seu papel frente à sociedade é reproduzir. Simone de Beauvoir (1967) já falava que o casamento está para a mulher como a realização profissional para o homem. Assim, há a necessidade de a mulher manter uma vida sexual ativa, dada a vontade de seu marido, mesmo que não seja de seu agrado, de modo a ter sucesso em seu casamento.

Com o decorrer dos anos e com o avanço do movimento feminista ao redor do mundo, as mulheres gradativamente ganharam direitos. Um dos maiores marcos pode ser considerado a Lei Maria da Penha (nº 11.340/06) que visa coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e asseguram que toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião tenha seus direitos garantidos e que sejam oferecidas oportunidades e facilidades para viver sem violência, assim, parte contra o ideal de mulher “honesta”, antes mencionado.

A lei fomentada em 2006 ganhou este nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de violência doméstica e que sofreu duas tentativas de assassinato pelo próprio marido.

De acordo com Dias (2019), no ano de 1983 Maria da Penha sofreu a primeira tentativa de assassinato por meio de um tiro de espingarda que a deixou paraplégica. Todavia a história não termina aí, visto que pouco tempo depois, o mesmo tentou eletrocutá-la no chuveiro enquanto tomava banho.

Após julgamentos e investigações, no qual o réu foi condenado duas vezes, mas recorreu e respondeu em liberdade, somente 19 anos e seis meses após os fatos, em 2002, é que foi devidamente preso. Porém, foi posto em liberdade em 2004, depois de cumprir apenas dois anos de prisão.

A repercussão do caso foi tamanha que em setembro de 2006, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, colocou a lei de proteção à mulher em vigor.

A Lei nº 12.015, de 2009, dos crimes contra a dignidade sexual, em seu artigo 213, compreende o estupro enquanto ato de constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso. Ademais, temos a Lei nº 13.781/18 que:

tipifica os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, torna pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelece causas de aumento de pena para esses crimes e define como

causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo.
(BRASIL, 2018, s/p)

Apesar do grande avanço com leis e decretos, não foi suficiente para garantir a proteção à mulher do estupro e outras violências por diversos fatores que citaremos a seguir:

Quando o assunto é o sexo feminino, a nossa sociedade se mostra ainda muito desigual, fortemente baseada no modelo patriarcal e hierárquico, no qual a mulher tem uma norma a ser seguida e quem foge à essa norma imposta é responsável por sua própria punição, ao qual uma delas é o estupro.

No ato da denúncia de um estupro, a mulher é sempre questionada sobre o que fez, onde estava, que roupa usava, porque não enfrentou seu agressor, etc. Porém, cabe aqui o questionamento: Quando uma pessoa tem um bem roubado, ela é questionada sobre o que fazia, que roupa usava na hora do crime ou porque não enfrentou seu agressor? É comum ouvir em reportagens, policiais ressaltarem a importância de não reagir a um assalto, que tal oposição pode resultar na morte da vítima. Porém, quando o assunto é estupro o discurso parece ser bem diferente.

Quando a mulher sofre a agressão, se torna o centro da atenção, muito mais que o próprio autor do crime, e é questionada do porquê não reagiu, porque não gritou, porque não lutou com todas suas forças, mesmo que pudesse ser morta. As autoras Oliveira e Resende (2020) apontam que isso pode se dar diante da necessidade do júri em averiguar se a vítima se enquadra ou não nos critérios de vítima. Se não, parte-se da ideia de que ela seduziu o agressor dando credibilidade ao crime.

Assim, entramos no processo de culpabilização da vítima, no qual lhe é atribuída a responsabilidade pela violência sofrida, que pode ser total ou parcial, diante de suas ações, sua roupa, do ambiente que frequenta, etc.

Outro ponto é quando o agressor e/ou a vítima não compreendem a relação como estupro. O fato de ser um forte tabu na sociedade, sem discussões, leva muitos a não enxergarem os crimes cometidos como um estupro de fato e normalizar aquela situação. Um exemplo disso é quando o marido força a relação contra sua esposa quando ela está impossibilitada de consentir ou simplesmente não quer naquele momento. Ainda há um entendimento social de ser normal o companheiro forçar uma relação sexual, mesmo que se tenha objeções, e busca transformar aquele “não” em um “sim” (MACHADO, 1998).

A grande questão é que a compreensão do papel da mulher frente à sociedade ainda deve ser muito debatida se queremos de fato ter respeito e garantia de direitos para fora dos decretos e leis. Se não mudarmos a mentalidade sobre a violência contra a mulher na sociedade, independente dos ganhos, o resultado será o mesmo e a mulher seguirá vítima do constante machismo e da desigualdade de gênero.

4.2 O QUE É CULTURA DO ESTUPRO?

A partir desse breve recorte histórico, podemos entrar no conceito da “cultura do estupro” de fato e como ela está fortemente interligada à visão social que é atribuída ao sexo feminino e à desigualdade de gênero enfrentada cotidianamente.

Para compreender o termo, cabe primeiramente, entender qual o significado atribuído à palavra “cultura”. De acordo com (CAMPOS, C. H; MACHADO, L Z; NUNES, J. K; SILVA A. R, 2017):

O termo “cultura”, no seu uso costumeiro, tem uma dupla perspectiva: a de apontar a diversidade de valores que envolvem as relações sociais nas mais distintas sociedades, e a de retificar, endurecer e enrijecer o entendimento da dinâmica das relações sociais. Essa segunda acepção pode levar a entender, equivocadamente, que, em cada sociedade, todos acreditam igualmente nos mesmos valores, todos têm a mesma posição e não há conflitos nem mudanças. Valores culturais são dinâmicos, uns de longa duração, outros de curta duração e as relações dos sujeitos com o vasto repertório simbólico dependem de suas posições nas relações de poder (CAMPOS, C. H; MACHADO, L Z; NUNES, J. K; SILVA A. R, 2017, p.2).

De tal modo, vemos que a cultura abrange um valor social, um comportamento, saber ou crenças que é partilhado por um grupo de pessoas. Por conta disso, apesar das leis e direitos que as mulheres foram a conquistar gradativamente, ainda vemos o preconceito e a culpabilização do sexo feminino pelas violências sofridas no cotidiano, pois a cultura machista se mantém forte apesar dos anos.

O conceito “cultura do estupro” não é recente. Criado por ativistas norte-americanas na década de 70, o termo parte da compreensão de que ainda vivemos numa sociedade moldada no modelo patriarcal que normatiza situações de desigualdade de gênero e machismo, que resulta em situações vistas diariamente como da culpabilização da vítima pelo estupro sofrido, e entende-se que a vítima (mulher, na maioria dos casos) foge do ideário feminino construído socialmente, e

assim contribui para sua própria agressão, pois serve como punição e aprendizado para retornar aos “bons costumes” defendidos socialmente.

Pode-se concluir, a partir do recorte histórico aqui feito, que essa cultura existe há muitos séculos, ao qual é uma perpetuadora do modelo patriarcal. Ou seja, apesar de leis e decretos que deem à mulher direitos fundamentais de vida, ainda assim, nossa sociedade continua moldada numa compreensão de sistema social em que homens mantêm o poder e autoridade sobre as mulheres e esta segue em posse do homem, predominando as funções de liderança na sociedade.

De acordo com Brownmiller (1975), a cultura do estupro surge diante de um entendimento social no qual o homem é tido como sujeito biologicamente agressivo/ativo, e a mulher, em contrapartida, é biologicamente afável/passiva. Assim, cabe à mulher saber se comportar afim de evitar um estupro, como não usar roupas curtas, não sair à noite, se comportar de modo polido, não frequentar bares e boates, etc.

Vale ainda complementar com a caracterização atribuída por Herman (1984) ao conceito que diz que a agressividade/passividade e a dominação/submissão natural dos relacionamentos entre os sexos em nossa cultura, levam a uma associação entre sexualidade e violência. Na qual esse imaginário sadomasoquista das relações entre homens e mulheres é frequentemente apresentado em livros, músicas, publicidade, filmes e, podemos complementar aqui, as *fanfictions*.

A presença dessas relações problemáticas encontradas em mídias, na maioria das vezes, acaba por normalizar ou até mesmo romantizar a violência, ela física, sexual ou moral.

O consumo constante e sem a devida reflexão de produções midiáticas que contenham relacionamentos não saudáveis que são romantizados pode representar um risco majoritário para a mulher, pois ela pode vir a entrar em um relacionamento abusivo e não compreender que sofre algum tipo de agressão, pois nos livros e filmes que consomem são naturais tais tipos de comportamento que advém de um homem. E é aqui que mora o grande perigo.

A preocupação das grandes mídias não é em revolucionar ou problematizar a desigualdade de gênero, mas de acordo com Campos (2016), utilizar da cultura do estupro como meio de fazer perpetuar o modelo patriarcal que nunca deixamos de viver, apesar dos avanços e retrocessos que vemos a presenciar ao longo das décadas.

Assim, cabe a nós professores, pais, familiares, educadores, amigos e à comunidade em geral levantar essa questão e de fato quebrar esse paradigma social.

4.3 A CULTURA DO ESTUPRO NA *FANFICTION*.

Falamos aqui que a cultura do estupro é frequentemente presente em livros, músicas, publicidade, filmes e outras produções. As *fanfics*, mesmo que majoritariamente escritas e lidas pelo público feminino, não ficam de fora.

Produções com teor de violência sexual ou doméstica, relacionamento abusivo, pedofilia e/ou incesto são fortemente produzidas e consumidas nas plataformas de *fanfiction* até os dias de hoje, como apresentados nos dados do capítulo 2 deste trabalho.

No início, pouco era a mobilização dos leitores para a discussão dessa problemática que acaba, inclusive, por atribuir uma imagem negativa às *fanfics*, visto que grande parte da sociedade que não a consome acaba por enxergar como um espaço depravado e de escritas impróprias.

Todavia, na última década, tem sido notório um movimento de jovens que expressam em redes sociais suas opiniões sobre os abusos e violências presentes nas *fanfics* e como tais histórias afetaram sua forma de se relacionar e compreender o que de fato é um relacionamento saudável, e deixa-os mais sugestionados a sofrerem essas violências.

Um dos fatores que levaram a aumentar a conscientização sobre a temática se deu diante da crescente discussão sobre o feminismo na internet, por meio de fóruns ou redes sociais. Outro ponto muito importante foi o caso da menina de 16 anos, vítima de um estupro coletivo no Estado do Rio de Janeiro no ano de 2016, que popularizou o termo “cultura do estupro” no Brasil e alavancou as discussões sobre a violência contra a mulher na juventude (CAMPOS, C. H; MACHADO, L Z; NUNES, J. K; SILVA A. R, 2017).

Logo pudemos ver que houve um interesse genuíno em trazer a temática das violências produzidas nas *fanfics* para discussão com o público jovem. De todo modo, tal debate se manteve mais forte nos espaços informais, e não recebe tanto alcance no espaço mais importante, que é o da escola.

Com a chegada da BNCC e a inclusão da *fanfiction* como conteúdo curricular da Língua Portuguesa, muitos professores passaram a pesquisar mais sobre a

temática, onde havia inclusive artigos acadêmicos que debatiam sua inclusão no currículo escolar. Mas, como já mencionado no levantamento bibliográfico, a temática se restringe às práticas da língua, sem expansão para debates sociais, éticos e culturais.

Todos os dias nos deparamos com notícias de jornal que abordam o feminicídio no país ou outros crimes de violência contra a mulher como assédio e estupro. Como, por exemplo, o caso recente da menina de 10 anos estuprada pelo tio e que resultou em sua gravidez. A reportagem, feita pelo jornal G1 de Pernambuco (2020), aponta que a interrupção da gravidez foi autorizada judicialmente, e gerou grandes críticas a criança, ao estado do Espírito Santo (onde o crime ocorreu) e a família da vítima, por defensores do movimento “pró-vida”¹⁵.

A triste história repercutiu no país e foi tópico de diversos debates entre pessoas contra e a favor do aborto.

É necessário que nossas crianças façam parte dessa discussão e possam entender a dimensão do abuso e da violência com a finalidade não apenas de conscientizá-las, mas também de protegê-las.

Apesar do feminismo e os diversos tipos de violência serem temas em crescente debate na sociedade atual, as *fanfics* mais populares dentre as plataformas *Spirit Fanfics* e *Wattpad*, em sua maioria, são as que possuem algum tipo de abuso e violência, apesar da iniciativa de plataformas para proibição desse tipo de produção, como veremos adiante.

Mas por que será que isso ainda sucede? É o que buscamos entender ao longo da análise feita no capítulo seguinte.

5. CAPÍTULO 4: A CULTURA DO ESTUPRO EM EVIDÊNCIA - ANÁLISE DOS DADOS.

Este capítulo propõe apresentar e analisar os dados à luz da perspectiva Omnilética, e assim dialogar com os conceitos de “inclusão em educação” e a “cultura do estupro”.

Para tanto, serão apresentados e discutidos o funcionamento das plataformas, uma entrevista feita com a administradora do *Spirit Fanfics* e análise de

¹⁵Pró-vida é um movimento que une pessoas que se declaram em defesa da dignidade da vida humana. São conhecidos principalmente por serem contra o aborto, ainda que fruto de um estupro.

4 (quatro) histórias selecionadas em diálogo com o questionário realizado com os autores dessas produções.

5.1 PLATAFORMAS.

Antes de adentrar no ponto central que são as histórias, é válido trazer uma análise inicial das 2 (duas) plataformas escolhidas para este trabalho.

De início pelo *Spirit Fanfics*, a plataforma se define como um espaço de autopublicação de livros, sejam eles no formato de *Fanfics* ou de Histórias Originais. Ainda enfatiza que os administradores estão sempre atentos à aplicação dos termos de publicação das produções, a fim de proporcionar um ambiente condizente com as regras criadas.

A equipe do site salienta que não é necessário ter concluído a história antes de sua publicação, pois o autor tem a liberdade de postar os capítulos um a um, e oportuniza a recepção de *feedbacks* de cada um deles. Desta forma, o escritor fica ciente se sua obra está bem recebida ou não pelos leitores, e conhece seu público alvo e assim enriquece sua escrita.

A fim de publicar uma história, o autor primeiramente deve ler as diretrizes de conteúdo. Nesse espaço fica claro que as publicações que violem os termos da plataforma ou a legislação brasileira devem ser reportados ao sistema de denúncias, cabe serem realizadas sempre da forma detalhada, junto ao envio das provas que forem necessárias, para que o administrador avalie o caso.

Sobre os termos de publicação do site, destacamos os pontos que dialogam com nossa temática de pesquisa:

III - Não serão aceitas obras, independentemente da classificação etária marcada, que façam apologias, incentivem os leitores, glorifiquem, defendam, demonstrem de forma positiva e/ou banalizem:

a. Abusos e violência contra crianças e adolescentes, ou seja, obras que retratam de forma positiva e/ou detalhada relações ou insinuações sexuais, bem como abusos, sexuais ou violentos, contra crianças e adolescentes, romantizando estes tipos de atos. Caso o abuso e/ou a violência seja contra menor de 14 anos, há o agravamento da violação;

b. O estupro de vulnerável e abuso de incapaz, ou seja, obras que retratem de forma positiva e/ou detalhada, relações ou insinuações sexuais, bem como abusos, sexuais ou violentos, contra pessoas que, devido a enfermidade ou deficiência mental, não têm condições de entender ou de oferecer resistência à prática do ato;

c. O estupro, ou seja, obras que retratem de forma positiva e/ou detalhada relação sexual não consensual;

[...]

j. Atos sexuais ilegais e/ou imorais, como bestialidade e necrofilia, ou seja,

obras que retratem de forma positiva e/ou detalhada tais atos.

Destaca-se que as obras que fizerem apologias a tais violências serão excluídas imediatamente do sistema e o usuário poderá ser advertido ou banido, conforme gravidade ou reincidência.

No trecho que tange a respeito das publicações vale destacar alguns pontos, como:

- 1.5** - A sinopse é um campo de preenchimento obrigatório que deve conter um breve resumo ou um pequeno trecho da história. A sinopse, as tags, assim como o título da história e do(s) capítulo(s) não podem, independente da classificação etária:
- a. Possuir conteúdo impróprio e/ou ofensivo;

Esse ponto se torna crucial para entendimento do porquê da discrepância no levantamento das histórias que possuem como palavras-chave algum tipo de violência explícita dentre o *spirit fanfics* e o *wattpad*.

Sobre a classificação etária o site pontua:

- 4.1** - Obras com conteúdo adulto e/ou erótico, devem ter classificação 18 anos;
- 4.2** - Obras que possuam cenas narrando insinuação de sexo, devem ter classificação 16 anos;
- 4.3** - As obras devem possuir uma classificação condizente com seus gêneros, avisos, tags e conteúdos, sob pena de serem editadas ou excluídas, conforme a gravidade.

Em diversas partes do texto, os responsáveis pela plataforma deixam claro que assim que o autor aceitar os termos do site, ele assume total responsabilidade pelo conteúdo adicionado no *Spirit Fanfics*, que fica suscetível a qualquer punições e sanções da administração em caso de não cumprimento dos mesmos, até mesmo das punições Cíveis e Criminais, previstas na legislação brasileira.

Por outro lado, a plataforma *Wattpad* se descreve como um espaço que conecta uma comunidade global de 90 milhões de usuários através do poder das histórias, e possui mais de 50 recursos de escrita para seus escritores que podem estabelecer uma base consolidada de fãs à medida que a história ganha popularidade. Desse modo, as produções de maior alcance podem ganhar o status de *Wattpad Star*, e, portanto, tem potencial para ser publicada ou adaptada para o cinema ou para a televisão com o *Wattpad Books* e o *Wattpad Studios*. De acordo com o site, há mais de mil negociações de histórias.

A plataforma conta com diversas formas de incentivo para seus usuários, como concursos de escrita e programa anual de prêmios de melhores histórias.

Também podemos ver que há parcerias com empresas de entretenimento e editoras, tais como: Hulu, Syfy, Sony Pictures, Macmillan Publishers e Anvil Publishing.

Como já mencionado, a plataforma tem um alcance internacional, que possibilita encontrar histórias em diversos idiomas que inclui a língua portuguesa. Todavia, apesar da disponibilidade do site em português as políticas e termos de publicação estão apenas em inglês, e cabe ao usuário utilizar o serviço do *Windows* de tradução da página para leitura das normas. Esse detalhe se torna inquietante ao levar em conta que todos os outros recursos do site se encontram na primeira língua do usuário.

Ao iniciar pelo termo de serviço, o *Wattpad* pontua que a plataforma é gratuita e apenas para pessoas com 13 anos ou mais. De modo a utilizar todos os serviços oferecidos é necessário que o usuário esteja cadastrado em uma conta.

Uma similaridade encontrada com o *Spirit Fanfics* é que ambos ressaltam que o autor é responsável pelo conteúdo que posta. Isso significa que o autor assume todos os riscos relacionados à sua publicação e exibição.

Sobre as diretrizes de conteúdo do site, destacamos os pontos que dialogam com nossa temática de pesquisa, como no caso da Classificação Madura que diz:

Marcar sua história como “Maduro” não significa que ele pode conter conteúdo proibido. As matérias que contenham conteúdo proibido serão removidas independentemente de sua classificação.

Histórias maduras são destinadas a um público com 17 anos ou mais. Existem restrições na descoberta de histórias maduras no *Wattpad* que ajudam a garantir que elas atinjam o público correto. Uma história pode ser classificada como Madura se contiver alguma das seguintes:

- Cenas de sexo explícito.

[...]

- Representações gráficas da violência; incluindo, mas não se limitando a: abuso sexual, verbal, emocional e físico.

Em relação a conteúdos removidos, a plataforma destaca produções que não são permitidas em nenhuma hipótese, como as que contém conteúdo sexual; também ressalta a existência de casos não listados, mas que podem ser removidos por se apresentarem como inapropriados diante de características que coloquem a comunidade em risco. A seguir alguns dos casos proibidos:

- Conteúdo pornográfico. *Wattpad* considera o conteúdo pornográfico quando existe apenas para fins de estimulação sexual.
- Idade do Consentimento. A idade de consentimento é de mais de 16 anos no *Wattpad*. Qualquer conteúdo sexual entre os personagens deve

respeitar esta idade de consentimento e não estar violando a lei canadense.

- Glorificação da Violência Sexual. *Wattpad* classifica atos sexuais não consensuais para incluir estupro, agressão sexual, sequestro para fins sexuais ou escravidão sexual. O conteúdo não pode ser encorajador ou promover atos sexuais não consensuais.
- Roleplay sexual ou mensagens. *Wattpad* não permite mensagens sexuais ou solicitação. Isso inclui postar conteúdo que incentive mensagens privadas sexuais, dentro ou fora do *Wattpad*, ou postar regras para roleplay público ou privado que são destinados a fins sexuais.
- Atos Sexuais Ilegais. De acordo com a lei canadense, o *Wattpad* proíbe explicitamente qualquer conteúdo que descreva atos sexuais ilegais, incluindo, mas não se limitando a, bestialidade, necrofilia, incesto ou exploração sexual infantil e material de abuso. Esse conteúdo será removido.

Também há critérios para as mídias presentes nas histórias. Na política de publicação do site fica claro a proibição de:

- Mídia contendo exposição total de quaisquer partes íntimas, como genitália, seios e nádegas.
- Mídia exibindo relações sexuais, ou qualquer outro ato sexual, independentemente de partes íntimas serem visíveis.
[...]
- Imagens de pessoas postadas sem o seu consentimento, exceto para figuras públicas e celebridades.
- Qualquer outra mídia que o *wattpad* considere impróprio, a nosso exclusivo critério.

A respeito da violência em específico pontua-se que existem muitas formas de violência que podem ser prejudiciais à comunidade, e afirmam que vão remover qualquer conteúdo ou contas que se destinem a divulgar esse tipo de história.

Como podemos observar, em ambas as plataformas há um posicionamento claro contra as produções que contêm qualquer insinuação a práticas sexuais violentas ou que vão contra a legislação. Porém, o levantamento feito no capítulo dois deste trabalho que tem por palavras-chave violência sexual e doméstica, como: obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto, aponta que ainda há diversos conteúdos disponíveis do gênero nesses espaços, o que evidencia uma falta de controle, em averiguar o que os usuários vêm a produzir e consumir, já que grande parte das *fanfics* removidas são localizadas por meio de denúncia dos usuários ao administrador do site. Esses administradores, como veremos na entrevista, são voluntários, sem nenhum vínculo empregatício com essas plataformas.

Em relação a esse voluntariado dos administradores, podemos imaginar que, por parte dos donos dessas plataformas, existe até mesmo uma falta de interesse no controle do que vem a ser consumido, visto que o trabalho é informal,

dependente do interesse dos voluntários em fazerem parte dessa plataforma, e auxiliar no combate a *fanfics* que vão contra os termos de conduta.

Ademais, a partir da entrevista com uma ex-administradora, que veremos em seguida, notamos que não é preciso ser maior de idade para fazer parte da equipe administradora. Isso aponta para uma contradição, pois se grande parte dos conteúdos proibidos no site são considerados conteúdo adulto por conter cenas de sexo explícito e violência, como menores de idade podem ter acesso a essas histórias para analisar? Nota-se que há uma política nas plataformas que expressa culturas de proteção à juventude no que tange à sua exposição a conteúdos considerados “maléficos”, ao mesmo tempo em que se verificam práticas de baixo ou nenhum controle sobre a matéria.

Sobre a classificação do *Spirit fanfics*, os autores são indicados a marcar as histórias como para maiores de 18 anos caso apresente conteúdo adulto e/ou erótico, todavia ao acessar uma dessas histórias o leitor menor de idade apenas recebe o seguinte aviso: “Esta história foi classificada pelo autor como imprópria para menores de Dezoito anos. Se não for maior de Dezoito anos ou se ofende com o tipo de material exposto não prossiga.” Em seguida tem as seguintes opções: “continuar visualizando” ou “voltar à página inicial”. Visto esse ser o único meio de impedir o contato direto com aquele conteúdo.

Já as *fanfics* classificadas como não recomendadas a menores de 16 anos são acessadas diretamente, sem nenhuma mensagem prévia que alerte sobre o conteúdo ali produzido. Tal como na plataforma *Wattpad*, na qual nenhum aviso é dado ao leitor antes de iniciar a leitura sob marcação de conteúdo adulto, também denominadas “histórias maduras”.

Outro ponto que vale ser discutido aqui é a maioridade. Vimos ao longo deste trabalho que estamos em contato com a cultura machista e patriarcal, mesmo que indiretamente, desde muito novos, esses valores são passados por meio de livros, filmes, músicas, etc. As *fanfics* também partilham desses valores em muitas de suas produções, de forma indireta e muita das vezes diretamente, e podem moldar o modo que os jovens compreendem os relacionamentos amorosos.

Tanto o *Spirit Fanfics* quanto o *Wattpad* delimitam idades para histórias com conteúdos sexuais, todavia vale questionar se essas idades de fato correspondem à maturidade intelectual para lidar com aquelas informações. A segunda plataforma menciona a idade de 17 anos ou mais para descoberta de histórias que contêm

sexo explícito e representações gráficas da violência. As leis descritas no termo de conteúdo baseiam-se na legislação canadense, porém no país a maioria é de 18 ou 19 anos, e então depende do estado, e a idade de consentimento é de 16 anos. Logo, nos perguntamos quais critérios foram utilizados e se eles devem ser repensados.

Pode-se observar uma complexidade presente nas duas plataformas virtuais, visto que ambas se debruçam nas questões de abusos e violências ao elaborar seus termos de conduta e publicação. Contudo, não há medidas concretas que tornem as proibições efetivas, pois nos dois espaços depende-se dos administradores voluntários e dos leitores para que as histórias sejam denunciadas e posteriormente excluídas dos sites. Há também uma falta de recursos para impedir que essas crianças e adolescentes acessem diretamente conteúdos inapropriados para sua idade.

Uma opção seria apostar em recursos como *softwares* para localizar histórias que tem por palavras-chaves termos proibidos nas plataformas. Desse modo, não haveria tanta dependência da denúncia dos leitores para encontrar essas produções, e torna a medida preventiva mais eficiente. Outra aposta seria em artigos ou até mesmo palestras em forma de vídeos nas redes sociais das plataformas que conscientize sobre a cultura do estupro para que os jovens saibam identificar esse tipo de conteúdo e compreender o que de fato é um relacionamento abusivo, para evitar, futuramente, romantizações e naturalizações. Também viria a ser útil aos administradores voluntários para que compreendam quais são os diversos tipos de violência para que possam identificar esse tipo de conteúdo proibido no site.

5.2 ENTREVISTA.

Ao navegar nas plataformas de leitura e escrita de *fanfics*, conseguimos entrar em contato com uma antiga administradora do *Social Spirit* que concordou em conversar com a gente. O primeiro contato foi realizado pela caixa de mensagens disponibilizada na plataforma, mas toda a entrevista foi feita por mensagem pela rede social *Whatsapp*. A seguir, apresentaremos a entrevista em sua íntegra, junto à análise Omnilética a cada vez que as respostas, ou grupo de respostas, nos remetessem aos nossos objetivos e questões de estudo.

Entrevistador: “Quantos anos você tem?”

“23 anos, mas tenho contato com fanfics desde muito nova, assim como a maioria. Meus pais filtravam bastante algumas coisas, porque estavam preocupados com o tipo de exposição que eu poderia ter a certos assuntos, mas com uns 16 eu já comecei a ler de tudo e me traumatizar com muita coisa também.

Eu fui administradora do Spirit por uns anos. Comecei como Beta, quando antes tinham os oficiais do site, e depois fui convidada a ser “Administradora Histórias”, posteriormente me tornei “Administradora Geral”. Aí a gente vê todo tipo de coisa em fanfic.” (Luna¹⁶)

Entrevistador: “Você poderia falar um pouco mais sobre isso?”

“Assim como quando esbarramos em fanfics com estupro, pedofilia e abusos. Isso não é tolerado na plataforma, portanto, os usuários são banidos. Incesto não pega, pois não é crime no Brasil. As pessoas escrevem deliberadamente sobre assuntos sérios, romantizando a situação. Dizendo como se apaixonaram pelo abusador ou como sentiram prazer durante o abuso. Esses absurdos de quem não tem responsabilidade ao escrever. É extremamente nocivo para quem está lendo, principalmente os adolescentes que se deparam com isso.” (Luna)

Diante de nosso sentimento de ultraje a respeito da fala da ex administradora, de que incesto não é crime no Brasil, fomos verificar a veracidade desta informação. Constatamos, para nossa tristeza, que, de fato, a prática de incesto, por si só, não é crime no país. Apenas se torna crime caso seja seguida por estupro ou estupro de vulnerável (de acordo com o artigo 217-A do Código Penal). Porém, há atualmente um projeto de Lei nº603/21, do deputado Sanderson (PSL-RS), que busca criminalizar a prática no Brasil.

A falta de uma lei permite que os escritores do *Social Spirit* postem conteúdos que contêm práticas incestuosas na plataforma, que costumam ser romantizados ou não, sem receberem nenhum tipo de penalidade ou aviso. Diferentemente da plataforma *Wattpad*, que é gerida sob as leis Canadenses, segundo as quais a prática de incesto é proibida.

Entrevistador: “E como é o trabalho de administrador? O que você fazia?”

¹⁶ Os nomes dos entrevistados são fictícios de modo a manter o anonimato.

“Os administradores são voluntários e a gente cuida da moderação do site, ou seja, das denúncias. Os administradores cuidam para que os termos do site sejam respeitados.” (Luna)

Entrevistador: “Você poderia só falar um pouco mais sobre o porquê acha isso nocivo, principalmente para os jovens?”

“Eu acho que as fanfics têm muita influência no modo como enxergamos o mundo. Eu digo por experiência própria. Essa fase de pré-adolescente/adolescente, onde começamos com os hormônios à flor da pele e buscamos um ideal de romance incessantemente, as fanfics entram para “moldar” nossos ideais também. Nós vemos relacionamentos abusivos sendo tratados com normalidade, como se fosse amor de verdade. O adolescente que lê essas coisas, acaba sendo influenciado. Ele começa a ver aquilo como normal, cria uma “resistência” perigosa. A gente começa a ler uns absurdos e se não policiar, começa a achar normal.” (Luna)

Entrevistador: “E como você vê o trabalho dos administradores nisso?”

“Eu acredito que os administradores ajudam muito a conter esses conteúdos maléficos, tentando criar uma plataforma saudável. Mesmo que muitos usuários fiquem revoltados com as regras, eu acho que elas trazem mais benefícios do que qualquer outra coisa.

Eu acho que nada de saudável pode vir de um local que permite fanfics que romantizam o abuso e crimes. Por isso o trabalho dos administradores é essencial para cuidar dessa parte” (Luna)

Entrevistador: “E você acha que conseguem dar conta dessa parte? Porque há muitos desses conteúdos na plataforma, né?”

“Olha, eles tentam fazer o melhor. Eu sei o quanto é desgastante e complicado, muitas vezes são histórias que abalam o psicológico. Mas eles analisam as denúncias de forma justa e fazem o melhor para tentar conter essas coisas.” (Luna)

Os relatos obtidos nessa entrevista são bastante interessantes de serem analisados meticulosamente. Pode-se ver que de fato há muitos conteúdos com violência e abusos que costumam ser produzidos e as plataformas se propõem a barrá-los a utilizar do serviço de administradores atentos a esses casos. Todavia, compreende-se que cabe a esse profissional voluntariado o poder decisivo de banir essas história de acordo com seu entendimento em cima da produção. Ou seja, ao

ler a história que foi denunciada por completo, o administrador irá averiguar se está dentro dos termos de publicação ou não.

A prática em si é bastante complexa, visto que o voluntário deve ter o conhecimento das várias vertentes do abuso e da violência, além do olhar atento para as entrelinhas, pois em muitos casos a prática não fica explícita. Logo, nos questionamos: o que seria essa forma justa de analisar as denúncias descritas pela ex-administradora?

Acreditamos que falta algum tipo de apoio ou incentivo por parte dos criadores do site a esses voluntários para que exerçam um bom trabalho ao remover conteúdos maliciosos das plataformas online. Uma opção seria propor uma formação para que esses jovens estejam mais capacitados a exercerem essa função, como a elaboração de mini cursos ou até mesmo palestras para conscientizar sobre a cultura do estupro e os diferentes tipos de violência.

Entrevistador: Então, apenas as histórias que são denunciadas pelos leitores é que passam por essa análise?

“Em sua maioria, sim. Mas os administradores também leem fanfics e, caso encontrem algo fora das regras, tomam as providências cabíveis. Seja advertência ou banimento. Por experiência própria, fanfics assim chamam muita atenção. E, infelizmente, fanfics que retratam esses abusos são muito famosas, então atraem bastante atenção e logo as pessoas denunciam.” (Luna)

Por meio dessa breve entrevista vemos a importância do trabalho dos administradores para que as normas do site sejam cumpridas. Porém, diante da informalidade, não há uma regra geral, nem meios concretos que assegurem o funcionamento dos termos de publicação da plataforma e a segurança dos administradores voluntários, que são constantemente expostos ao conteúdo abusivo produzido nesse espaço, que impactam seu psicológico. Afinal, contraditoriamente ao que dizem as próprias regras do site, muitos administradores, pelo que nos pareceu, podem ser, também, bem jovens. A administradora entrevistada, por exemplo, tinha 23 anos no momento em que a entrevista foi feita (02 de junho de 2022), mas seu relato apontou que sua experiência como administradora começou aos 17 anos.

A exposição a esses conteúdos descritos como “maléficos” pela ex-administradora e o impacto psicológico que eles sofrem por consumirem essas

histórias devem ser discutidos. Principalmente porque, ao lerem constantemente produções que abordem temáticas como estupro, pedofilia, violência e relacionamento abusivo de modo romantizado, mesmo que com a finalidade de análise, esses sujeitos podem, a longo prazo, ser prejudicados, principalmente se forem menores de idade.

Os jovens consumidores de *fanfics* se encontram num estágio da vida em que a visão de mundo vem a ser moldada, o contato com contos é fundamental para formar a personalidade e sexualidade desses sujeitos. O contato recorrente com essas histórias que apresentam normas, valores sociais e morais-sexuais distorcidos acabam por transformar a visão da realidade.

Uma vez inseridos nesses valores construídos pela leitura excessiva de *fanfics* com conteúdo sexual agressivo e abusivo os leitores externalizam a vivência de suas fantasias inconscientes que se hospedam sem serem percebidos ou que tenhamos ciência disso, e podem tornar-se mais propícios a entrar em um relacionamento abusivo ou serem o próprio abusador, por não enxergar os males provindos dessas práticas (BRITTOS, 2016).

Independentemente da intenção do administrador voluntário com a *fanfic*, o contato com as produções podem mesmo que indiretamente induzir o voluntariado a olhar aquela relação como algo típico dentro de um relacionamento, caso não seja problematizado. Como ficou evidente, não há nenhum tipo de preparo prévio que leve esses profissionais a compreenderem o que de fato é um relacionamento abusivo e o porquê determinada situação descrita é errada. Uma supervisão psicológica como medida de proteção a esses jovens deveria ser considerada a fim de preservar sua integridade e saúde mental que evita que sejam mais uma vítima dessa cultura do estupro.

Assim, a totalidade não é administrada, e resulta na falta de êxito na proposta principal do site, que é banir esse tipo de conteúdo malicioso, e tem por desfecho a tabela apresentada no capítulo dois desta pesquisa, com diversos resultados para *fanfics* com diferentes tipos de violências e abusos, eles romantizados ou não.

5.3 HISTÓRIAS

Para finalizar o capítulo de análise, trouxemos duas *fanfics* da plataforma *Social Spirit* e outras duas do *Wattpad*, que totalizam quatro produções para serem discutidas e problematizadas. A seleção foi baseada em produções que contem

violência sexual e doméstica, como: obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto.

Ao iniciar pelo *Social Spirit*, selecionamos as seguintes histórias: “História n°1” escrita por Amanda¹⁷ e “História n°2” da autora Ana. A escolha das histórias se deu diante da popularidade do grupo de pop sul coreano BTS na plataforma. O grupo, também conhecido como *Bangtan Boys*, é responsável, até o momento (13/06/2022), pelo total de 119.689 *fanfics* escritas no site. O grupo de k-pop é formado por 7 integrantes e tem ganhado muito reconhecimento e fãs ao redor do mundo. O membro mais popular entre os fãs, conhecido por Jungkook, é o protagonista em grande parte das *fanfics* de acordo com a plataforma e o personagem principal nas duas produções selecionadas.

A *fanfic* intitulada “História n°1” está classificada como não recomendada para menores de 18 anos por possuir cenas de sexo e foi publicada no dia 17/04/2022 e atualizada pela última vez no dia 15/05/2022. Conta com 323 visualizações e 8 comentários até o momento, recebeu 12 favoritos e está na lista de leitura de 3 usuários.

No primeiro capítulo somos apresentados a personagem principal chamada Lisa, inspirada na integrante do grupo feminino de kpop *Blackpink*, que se encontra em cárcere privado após ser “resgatada” do local no qual sofreu um acidente de carro que resultou na perda de sua família. Diante do ocorrido e da dor da morte de seus entes queridos, Lisa desenvolve pensamentos suicidas e acaba por nutrir um forte sentimento pelo homem que a mantém trancada em um pequeno quarto, onde anseia por seu toque e companhia.

Nesse momento inicial não temos tantos detalhes do ocorrido que levou os personagens principais da história a se colocarem em tal situação, mas os capítulos seguintes são apresentados em forma de *flashback*, que antecede ao sequestro. Portanto, passamos a conhecer melhor os protagonistas, suas vidas, famílias, amigos e motivações.

No decorrer da história, descobrimos que Lisa tem recebido flores de um desconhecido que sempre as deixavam em frente à sua casa. Apesar do medo e receio sobre as atitudes daquela pessoa que vinha acompanhar cada passo seu, ainda assim não comunicou a ninguém do ocorrido, mas fez o uso de um diário para

¹⁷ Todos os nomes citados foram criados pela autora desta pesquisa e não correspondem nem ao nome real, nem ao nome do usuário das plataformas.

escrever a respeito da perseguição para caso algo acontecesse no futuro, e demonstra que tinha conhecimento do perigo.

Durante os próximos capítulos acompanhamos o primeiro contato direto entre a vítima e o perseguidor e o início dessa relação um tanto problemática, todavia o homem nunca mostra seu rosto, sempre escondido atrás de uma máscara. Mas isso não impede a protagonista de desenvolver um forte sentimento pelo homem, que resulta na protagonista se colocar em momentos arriscados para encontrá-lo.

Após um acidente que mata toda sua família, no qual apenas Lisa sobrevive, ela é levada para uma casa afastada da cidade e trancada em um quarto pelo seu sequestrador, que sabemos ser Jungkook. Aqui ele não é um membro de nenhum grupo famoso de kpop, mas uma pessoa normal com um passado pela polícia. Suas intenções com Lisa não são explicadas, mas podemos entender que sua aproximação com a protagonista foi proposital, mas com o tempo e contato com a moça acabou por se apaixonar, e assim deixou que ela saísse do cativo. Os comentários nos capítulos se mostraram bastante positivos, ao qual são de usuários que elogiam a história e pedem para a autora continuar a escrever.

Uma característica ao longo da história é a da mudança na personalidade do personagem masculino, que marca aqui uma contradição. O mesmo começa como perseguidor e depois se transforma em um sequestrador, mas isso é desconstruído pela autora à medida que ele se relaciona com a protagonista, que é descrita como uma menina meiga, inteligente e comportada, que nos passa aqui a ideia de que o amor acabou por mudar o personagem, e pode torná-lo uma pessoa melhor. Tal romantização pode criar uma falsa ilusão no leitor de que o amor pode, sim, mudar a personalidade agressiva do abusador. Esses estereótipos extremos do homem agressivo e da mulher recatada são fortemente trabalhados no conceito de cultura do estupro descrito por Brownmiller (1975) e fortemente enfatizados na história a cada capítulo.

Deve-se ter um olhar cuidadoso ao ler e analisar essa produção, pois com as demonstrações de afeto e gestos gentis que o personagem masculino vai apresentar ao longo da *fanfic* e a desconstrução de seu caráter agressivo, o leitor acaba induzido a esquecer os diversos crimes cometidos, criar um laço com o agressor e simpatizar com ele.

Um outro ponto a ser debatido é a construção desse sentimento pelo agressor. Lisa, mesmo sem ver seu rosto, se tornou rapidamente submissa a seu

sequestrador, antes mesmo do episódio do sequestro, o que antecipa a síndrome de Estocolmo¹⁸. A hipótese que temos é a de que, por esse agressor/sequestrador não ser uma personalidade desconhecida para a autora, mas sim uma pessoa famosa pela qual a mesma nutre um sentimento de amor platônico e carinho, criou-se um fetiche em cima da situação que alimenta essa fantasia impossível. A complexidade aqui se mostra presente quando vemos que não é o ato da perseguição/sequestro em particular o desejo da autora, mas a pessoa que está por trás daquela ação. Se fosse uma pessoa comum e desconhecida, a história se desenvolveria da mesma forma? Nasio (2007) diz:

A fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade (NASIO, 2007, p.11).

A segunda *fanfic* se chama “História nº2” e está classificada como não recomendada para menores de 18 anos por possuir cenas de sexo. Foi publicada no dia 07/05/2020 e atualizada pela última vez no dia 13/04/2022. Conta com 27.095 visualizações e 219 comentários até o momento, recebeu 457 favoritos e está na lista de leitura de 131 usuários.

De início, a autora deixa um aviso de que incesto é errado, e que se os usuários não gostam desse tipo de conteúdo, então não é para ler. Diferentemente da primeira história analisada, nesta *fanfic* a protagonista recebe o nome de “S/N” que é um termo para “Seu Nome” de modo que a leitora se coloque como a personagem principal da história. Retorna-se à hipótese do fetiche por trás da produção, pois se a autora acha incesto errado, então qual seria sua motivação para criar esse conteúdo, ainda mais visar que seus leitores se coloquem nessa fantasia?

Aqui somos apresentados à protagonista “S/N”, uma brasileira de 18 anos que se muda para a Coréia do Sul junto de “S/M”, ou, “Sua Mãe”, e acaba por morar com seu tio Jungkook de 23 anos. Logo vemos que a protagonista nutre um certo interesse pelo tio, mas tenta evitar diante do parentesco.

Os comentários apontam a história como positiva, mas dois em específico chamaram nossa atenção: comentário 1 - “Titio Jungkook! Me diz, quem é que resiste? Não vou mentir, adoro um incesto”; comentário 2 - “(...) Essa *fic* é bom, mas eu acho que o Jungkook devia ser mais velho”.

¹⁸ É um estado psicológico no qual a vítima, ao ser submetida a uma situação de estresse por seu agressor, acaba por criar um laço emocional forte de amizade ou amor por ele.

Vemos aqui que esse fetiche não parte apenas do interesse da autora, mas dos leitores também, que buscam por esse tipo de conteúdo. Outro detalhe é na idade, pois a diferença entre os protagonistas é de 5 anos, considerado uma diferença pequena para a leitora do segundo comentário.

Nos próximos capítulos vemos a aproximação dos protagonistas e as tentativas do tio de iniciar uma relação com sua sobrinha que, apesar de retribuir o sentimento, o afasta por considerar o ato de incesto inapropriado. Também somos apresentados à personagem Lisa, mais uma vez inspirada na membro do grupo *Blackpink*, que interpreta a namorada de JungKook e “vilã” da história, devido à sua relação problemática com ambos protagonistas. A tentativa de vilanizar a personagem pode se dar pelo fato da artista na vida real ser bem querida por alguns fãs do grupo masculino de kpop, que gostariam que ambos namorassem, e demonstra um possível sinal de ciúmes por parte da autora.

É visível o posicionamento da autora que considera incesto errado ao ler a *fanfic*, pois vemos a personagem principal em diversos momentos repudiar a ação, apesar de seu desejo inconsciente. Todavia, a mesma sempre se rende aos encantos do seu tio, que mais uma vez é representado pelo famoso integrante do grupo de k-pop BTS. Pode-se notar a similaridade com a produção analisada anteriormente de que a ação do incesto aqui só é “aceita”, por haver um sentimento de amor platônico envolvido, e alimentar esse fetiche. Talvez em uma situação da realidade dessa autora ou desses leitores a ação seja de fato repudiada ou no mínimo tida como imprópria.

Ao partir para o *Wattpad*, selecionamos duas histórias: “História nº3” da autora Júlia¹⁹ e “História nº4” escrita por Viviane. A escolha das histórias foi feita em cima das 20 *fanfics* mais populares no idioma português (Brasil) em abril de 2022 da plataforma cujo título se relacionava com nossa proposta. Ambas histórias selecionadas têm por protagonistas dois integrantes do grupo musical criado em 2017 chamado *Now United*, no qual possui como membros jovens de diferentes países ao redor do mundo. Em ambas produções os personagens principais não são membros de um grupo ou seguem a carreira artística. As suas personalidades e vidas foram criadas pelas autoras, e são preservados apenas nome e aparência física.

¹⁹ Todos os nomes citados foram criados pela autora desta pesquisa e não correspondem nem ao nome real, nem ao nome do usuário das plataformas.

A *fanfic* “História nº3”, conta com o aviso de conteúdo adulto e possui 115.104 leituras e 7.656 votos. Aqui somos apresentados a Any Gabrielly, enfermeira de um manicômio que fica responsável por cuidar do paciente Joshua Beauchamp, diagnosticado com Transtorno de Personalidade Antissocial. A última atualização foi em dezembro de 2021.

No decorrer dos capítulos vamos acompanhar o desenvolvimento dos personagens e o início de um relacionamento proibido entre uma profissional de enfermagem e seu paciente. Joshua se mostra um cara extremamente violento, enquanto Any é doce e simpática, a autora enfatiza a vontade da protagonista de ajudar as pessoas, assim busca “mudar” Joshua levando-o a deixar de ser um assassino frio e calculista. Essa aproximação acaba por resultar no romance dos dois. Assim, mais uma vez nos deparamos com as características da cultura do estupro que surgem desse entendimento social no qual o homem é tido como sujeito biologicamente agressivo e a mulher biologicamente submissa, e como Herman (1984) pontua, a naturalização desses relacionamentos podem levar a uma associação entre sexualidade e violência.

No decorrer dos capítulos vemos que os usuários desaprovam a agressividade do personagem masculino, mas ainda assim apoiam o relacionamento entre ambos. Um comentário em específico que deve ser ressaltado é de uma leitora que diz ter sido diferente o modo com que foi descrito o primeiro relacionamento sexual do casal principal da *fanfic* por ter sido considerado gentil e consensual, diferente de outra *fanfic* do mesmo gênero que a mesma leu anteriormente.

Esse comentário evidencia uma busca por esse tipo de produção apesar da “reprovação” dos atos de violência descritos, visto que muitas pessoas começaram a ler a história por possuir o mesmo título ou enredo de uma *fanfiction* anteriormente consumida, o que reforça mais uma vez a situação de contradição e complexidade. Aqui vemos que os leitores não aprovam as situações de violência em si, mas aprovam o casal principal, por já nutrir um carinho por eles na vida real, e não saber separar o real do fictício.

Nesta produção pode-se ver novamente que há a construção de uma personagem feminina que busca mudar a personalidade de seu agressor no final, levando-o a ser uma pessoa “boa”. Mais uma vez os abusos do personagem masculinos são abandonados aos poucos, substituídos por gestos amorosos, de

modo com que o leitor simpatize com o protagonista. Porém, vale indagar, quantos agressores disseram às vítimas que iriam mudar? Quantos de fato mudaram?

Uma outra questão a ser discutida é a idade da autora. Conseguimos contato por meio de um questionário disponibilizado na caixa de mensagens da plataforma e para nossa surpresa descobrimos que apesar da história ser tida como conteúdo adulto, a escritora é uma menina de 14 anos. Logo, quando a história foi publicada ela ainda tinha 13 anos. Idade mínima para acesso à plataforma de acordo com as leis descritas na parte 5.1.

A autora ainda nos contou que entrou no *Wattpad* com a intenção de apenas ler as *fanfics*, mas começou a escrever para fugir da separação dos pais, o que demonstra ser um lugar de lazer e acolhimento. Em suma, diz acreditar que a maioria das pessoas que leem *fanfics* gostam desses assuntos e se acostumam, ou seja, histórias que contenham romance entre pessoas de idades muito diferentes, incesto, sexo explícito e violência.

Por fim, a última história é a “História nº4” e diferentemente das outras aqui analisada não consta aviso de conteúdo adulto, apesar de possuir cenas de sexo. A produção tem 191.548 leituras, 14.281 votos e como *hashtags* tem as palavras “possessivo” e “sequestro”. Aqui conhecemos Any Gabrielly, descrita como uma menina doce, pura, marrenta e que bate de frente, em contrapartida temos Joshua, um homem frio, extremamente possessivo e mafioso. A última atualização foi em janeiro de 2022.

A protagonista da história tem 18 anos e trabalha como garçoneiro em uma lanchonete, em um dia normal de trabalho ela é sequestrada por um de seus clientes que mostra ser obcecado por ela. Esse cliente é um mafioso que com a ajuda de seus amigos leva a garota para uma ilha privada, onde é mantida como prisioneira.

Apesar do crime cometido, a atitude do protagonista masculino não é problematizada em nenhum momento pelos outros personagens da história, mesmo colegas ou a família que também reside na ilha privada. Ao longo dos capítulos vemos a frustração da vítima que tenta fugir do local em diversos momentos. Todavia, ela descobre sobre os problemas psicológicos do seu sequestrador e suas frustrações com relacionamentos amorosos anteriores, o que a faz sentir compaixão e optar por dar uma chance ao moço.

Mesmo ao descobrir que a protagonista não foi a primeira a ser sequestrada pelo homem, ainda assim prefere, de acordo com as falas da personagem: “(...) deixar de ser injusta e dar uma chance ao Josh. Ele gosta de mim de verdade, então podemos tentar”.

Os comentários dos leitores são de repúdio às ações do protagonista masculino, mas continuam a torcer para que ambos fiquem juntos no final. Vemos aqui novamente o fetiche criado em cima desse tipo de história, pois as ações em si são repudiadas, mas levadas em consideração quando realizadas por determinado personagem cujo leitor admira na vida real.

Apesar da escrita com toques de humor, há muitas características em comum com as produções anteriores, como a romantização da violência e a naturalização dos acontecimentos como, por exemplo, a rápida aceitação da vítima ao seu sequestro.

Uma característica que difere essa última história dos conteúdos anteriores é que aqui a autora tenta minimamente se desvencilhar do estereótipo atribuído à mulher e predominantemente presente na cultura patriarcal e do estupro. Todavia, apesar da protagonista ser descrita como uma menina “marrenta”, que bate de frente e possui uma personalidade forte, ainda assim é confrontada com seu lado amoroso, meigo e trabalhador, ao qual é o oposto do personagem masculino, que é mais uma vez descrito como agressivo, frio e calculista.

Também conseguimos contato com a autora dessa história, que respondeu nosso questionário por meio da caixa de mensagens da plataforma. Ela afirmou ser uma menina de 16 anos e que criou a *fanfic* após ler uma parecida e ter se interessado pelo conteúdo, o que reforça nossa hipótese anteriormente debatida, de que os leitores buscam por esse tipo de produção. Ambas as autoras confessaram não terem lido os termos de publicação das histórias. Sobre isso, hipotetizamos que, talvez, a não disponibilidade dos termos em português possa ter sido um empecilho.

Nota-se que nas quatro produções as características da cultura do estupro se encontram presentes, tal como os estereótipos sociais criados para caracterizar o que é feminino e o que é masculino. Outro ponto presente foi o desenvolvimento do personagem masculino, que ao longo dos capítulos acabou por perder as características de abusador/agressor, e passou a ser aceito por aquela comunidade de leitores. Isso se torna preocupante quando percebemos que quem escreve são jovens mulheres que se colocam prontamente nesse papel de submissão.

A alta adesão a esse tipo de leitura pode impactar negativamente o desenvolvimento afetivo-sexual do autor/leitor, visto que para Brittos (2016) esse desenvolvimento é resultado da combinação do componente biológico somado ao ambiente e o meio cultural que o sujeito está inserido.

Cabe aqui um trabalho de desconstrução desse ideal de relacionamento e de quebra de estereótipos de gênero a fim de se alcançar uma inclusão do papel da mulher, e se livrar das barreiras do patriarcal e da cultura do estupro. Para isso, no capítulo seguinte, traremos formas de combate a essas violências implícitas e explícitas por meio de práticas pedagógicas inclusivas.

6. CAPÍTULO 5: COMBATE À CULTURA DO ESTUPRO ATRAVÉS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: FANFICS E A INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO.

6.1 FANFICS EM SALA DE AULA.

Como vimos ao longo deste trabalho, as *fanfics* criam oportunidade para interagir e dialogar com outras pessoas que partilham do mesmo interesse, possibilita utilizar de sua criatividade para criar uma história e desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. As plataformas, por serem gratuitas e abertas a todos, acabam por alcançar um público diverso, que vem de diferentes contextos socioculturais, e possui múltiplas competências. Também é um canal para expressão de minorias, com as mulheres brancas, que são o grupo mais representativo (JENKINS, 2006).

Diante do amplo ambiente que as *fanfics* proporcionam, se tornam diversas as possibilidades de se trabalhar a temática com o público jovem contato com a criatividade do educador. A mais comum que encontramos, à medida que fizemos o levantamento bibliográfico, foi de leitura e produção de *fanfictions*, a fim de compreender tal gênero narrativo. Todavia, nosso objetivo aqui vai para além do simples entendimento do que é uma *fanfiction* e seu poder no meio digital, mas sim de conscientizar os alunos a respeito da cultura do estupro e dialogar sobre as exclusões sociais que são refletidas nas produções encontradas nas plataformas.

Nas pesquisas de Vargas (2005) e Dantas (2015) nota-se que os autores de *fanfiction* normalmente não divulgam suas histórias para fora do ambiente virtual, assim, amigos, família e professores normalmente não sabem de seu interesse e

habilidades com a escrita de contos, principalmente pelo medo das críticas que possam vir a sofrer. Porém, é importante que a escola esteja ciente e interessada pelos gostos dos alunos de modo a articular seu currículo e enriquecer as práticas em sala de aula, e tornar o ambiente de aprendizagem mais rico e prazeroso para aquele aluno.

É comum ver em classes de língua portuguesa as falhas tentativas do professor em incentivar seus alunos a lerem. Normalmente são sugeridos livros nacionais tidos como “cultos”, que são considerados difíceis e desinteressantes para os estudantes. Dantas (2015) traz em sua pesquisa que o hobby favorito de jovens fãs ao redor do Brasil é a produção de *fanfics* e Vargas (2005) declara que os autores dedicam em torno de dez horas semanais para a prática de escrita. Assim, esses jovens já chegam à escola mais receptivos e interessados na prática de leitura e escrita da língua portuguesa. Mas porque o trabalho de incentivo à leitura se torna tão penoso quando é dentro do espaço escolar?

É notório que há uma falta de diálogo e interesse por parte da escola em incluir as práticas sociais do aluno. Fora da escola, as *fanfics* são tidas como um momento de lazer e informalidade para os jovens que a consomem, utilizando de seu tempo livre enquanto aprendem e desenvolvem suas habilidades de leitura e escrita. Cabe ao professor ter um olhar mais aberto sobre o novo gênero narrativo para saber usar a seu favor. Criar um ambiente de incentivo à leitura mais flexível e aberto a novidades pode conduzir o aluno a se sentir mais confortável ao compartilhar seus gostos literários. É fundamental, assim, romper com as práticas escolares voltadas para a leitura extremamente regrada e seletiva, como vemos no modelo tradicional de ensino.

Muito se pode aproveitar da temática das *fanfics* para trabalhar questões curriculares. A escrita e leitura de *fanfics* possibilita desenvolver melhor a escrita de um texto (introdução, desenvolvimento e conclusão), a utilizar a pontuação adequadamente e outros conceitos gramaticais, a estruturar melhor as ideias, além de expressar nossa compreensão do mundo e como nos relacionamos com ele. Logo, a temática nos abre portas para trabalhar a língua portuguesa, mas também questões dentro da sociologia, biologia, filosofia, etc, que possibilitam a criação de uma aula interdisciplinar.

Dentro da BNCC, no nível fundamental, a proposta curricular de língua portuguesa dialoga com as *fanfictions* ao incluir a reconstrução e reflexão sobre as

condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros midiáticos. Além de participar de práticas de compartilhamento de leitura e manifestações artísticas, tecer comentários de ordem estética e afetiva e justificar suas apreciações ao escrever comentários e resenhas a partir de formas de expressão das culturas juvenis (BRASIL, 2018).

Já no nível médio, no campo artístico-literário, busca-se uma ampliação do contato e de análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas de modo geral. Assim, contam também com a criação de obras autorais, em diferentes gêneros e mídias (BRASIL, 2018).

A intenção de trabalhar as *fanfictions* no currículo de língua portuguesa é demasiado interessante, pois possibilita uma formação artística a partir da valorização da cultura popular jovem. Essa temática, além de abrir uma rica oportunidade de aproximar alunos da leitura e escrita, também auxilia na aproximação de debates que envolvem desigualdade de gênero e a cultura do estupro, como veremos a seguir.

6.2 TRABALHANDO A CULTURA DO ESTUPRO NA ESCOLA.

Trazer a temática da “cultura do estupro” para a sala de aula pode vir a ser um desafio para os professores e a escola como um todo, visto que as discussões que norteiam gênero e educação sexual não são bem recebidas pelos familiares, e geram diversas discussões no campo educacional. De todo modo, é fundamental que os alunos estejam cientes da temática, uma vez que:

[...] contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatem a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sociais e sexuais (GAGLIOTTO; LEMBECK, 2011, p. 93-94).

Apesar das diversas discussões e embates no decorrer da história da educação no país, a educação sexual está prevista nos PCNs (Parâmetros curriculares nacionais) como um conteúdo transversal, que representa um grande avanço na política educacional. Todavia, a inclusão da temática nos PCNs ainda deve ser debatida, visto que o documento tem por enfoque apenas a orientação sexual, o que limita o campo de discussão em sala de aula. Ademais, especifica que o educador seja um profissional capacitado/formado para abordagem do tema que deve estar em constante contato com as questões teóricas, leituras e discussões

específicas da sexualidade (BRASIL, 2000). Porém, sabemos que de fato nós, profissionais da Educação, não recebemos uma formação para nos aprofundarmos na área por ainda ser vista como um tabu na sociedade.

Cabe a nós, enquanto pedagogos, lutar pela promoção de uma sexualidade humanizadora a fim de fugir da sexualidade estereotipada expressa nas novelas, filmes, músicas e mídias em geral, que rompe com a cultura do estupro construída e alimentada socialmente. Assim, podem criar um currículo escolar que possibilite que os alunos desenvolvam um olhar crítico, que rompa com a naturalização e romantização dos relacionamentos abusivos, e que compreenda a escola como um espaço com poder de aprofundar os conhecimentos construídos culturalmente e socialmente, através de um amplo debate de opiniões e conceitos sobre a sexualidade.

A inclusão da temática das *fanfics* no ensino de língua portuguesa pela BNCC nos abre portas para realizar um diálogo com a educação sexual prevista nos PCNs, assim trabalha a inserção da temática da cultura do estupro e violências que as mulheres enfrentam cotidianamente. É fundamental que, em um primeiro momento, seja desenvolvido um trabalho de inclusão em educação, a fim de romper com o modelo patriarcal socialmente implementado, no qual a mulher é tida como ser passivo e de posse do homem, este um ser ativo e “naturalmente” agressivo.

Infelizmente, a escola ainda propaga uma visão hierárquica baseada em desigualdades de gênero e raça por apresentar:

[...] enormes dificuldades, limitações e desafios que envolvem a transformação das representações de violência contra mulheres nos saberes escolares, pois permanecem assentadas não só em valores, crenças e imaginários dominantes em nossa sociedade, mas também em uma tradição epistêmica sexista e racista, comum aos discursos e práticas estruturantes da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2019, p. 11).

Desse modo, é crucial o papel do professor em problematizar e discutir sobre as dimensões humanas culturais, políticas e práticas, e fazer uso de uma Pedagogia libertadora que rompa com o modelo tradicional de ensino que acaba por propagar o machismo no espaço escolar. A fim de combater tais violências que ocorrem diariamente e são veladas pela sociedade, que tende a normalizá-las.

No momento em que falamos aqui de Pedagogia libertadora nos baseamos nos pensamentos de Paulo Freire, pois defendemos um modelo de educação crítica que busca alcançar transformações sociais, econômicas e políticas, a fim de

superar as desigualdades e exclusões existentes. Freire (2005) diz que para ter sucesso nessa pedagogia o profissional da educação deve estar aberto e disponível à curiosidade dos alunos e seus interesses, e que valorize suas “leituras de mundo”.

Uma das formas de possibilitar que essa Pedagogia libertadora alcance os alunos seria oferecer palestras e rodas de conversa sobre a exclusão de gênero que ocorre nas escolas, na sociedade e nas mídias/plataformas digitais. Tais conversas trariam alunas, professoras, escritoras de *fanfics* e feministas das mídias sociais. A finalidade dessa discussão é levar os alunos, tanto homens quanto mulheres, a compreenderem o que de fato é a cultura do estupro presente na nossa sociedade e como o papel da mulher é construído a partir dela, tendo por perguntas norteadoras do debate: porque as mulheres são ensinadas a como se “comportar” e os homens não são ensinados a respeitar? Como esses valores da cultura do estupro moldam nossa visão sobre o que é ser mulher e o que é ser homem? Como isso nos afeta no dia a dia?

Trazer esse debate é de suma importância, principalmente porque leva em consideração a quarta onda do feminismo que se constituiu a partir do avanço das novas tecnologias e as redes sociais, ao qual possibilitaram um espaço de maior alcance e diálogos sobre as pautas referentes à inclusão/exclusão da mulher na sociedade. A internet se tornou um espaço de ativismo social e de fortalecimento das minorias: mulheres, negros, comunidade LGBTQIA+ (PEREZ; RICOLDI, 2018). Assim, os jovens que nasceram nessa década se encontram desde cedo imersos em questões sociais e políticas, tornando-os críticos sobre o mundo e as exclusões que os norteiam. A escola, enquanto espaço formador, deve saber aproveitar essas discussões criadas nas mídias e levada pelos alunos para dentro de sala de aula a fim de se respeitar e valorizar a diversidade dos estudantes.

Diante da quarta onda do feminismo presente nas mídias sociais, as *fanfics* com conteúdo de inferiorização da mulher passam a receber um olhar repressivo pelos próprios usuários das plataformas, que começam a enxergar aquelas produções como propagações do modelo patriarcal e machista da sociedade, e problematizar o que é ali produzido. Logo, vemos a importância da discussão de gênero para o combate à cultura do estupro.

Assim, uma outra possibilidade de desconstrução desse olhar romantizado das *fanfics* com violência por meio de práticas pedagógicas seria criar oficinas nas escolas, a fim de trazer sinopses de *fanfics* tidas como problemáticas, que

oportunizem os alunos reconstruí-las de forma a romper com as violências ali expressas sempre com o cuidado na hora da escolha do que vai ser trabalhado com esses alunos.

A criação de minicursos que dialoguem sobre a inclusão de gênero e os tipos de violência existentes também cabem e entram como opções de trabalho na escola, de modo que os estudantes saibam identificar os abusos que possam vir a presenciar ou sofrer em qualquer instância da vida, e concebe, assim, a escola um lugar conscientizador.

Também podemos trabalhar com rodas de leitura, sarau literário, cine clubes e outros meios artísticos, as possibilidades são infinitas. A criação de um espaço problematizador e que desperte o senso crítico/reflexivo no aluno é crucial e para Marques e Fraguas (2021) o professor precisa ter o compromisso da investigação e da análise crítica verificadora de certas teorias e práticas. Ressalta que, para que isso aconteça, o educador deve sempre instigar seus alunos a lerem, pesquisarem, vivenciarem situações para que esse universo cognitivo possa ser ampliado.

Apenas criando-se um espaço educativo que busque a formação de alunos críticos e emancipados numa perspectiva de transformação social, é que conseguiremos combater essa cultura do estupro impregnada em nossa sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao chegarmos ao final desta monografia, gostaríamos de retomar nosso objetivo inicial, que também se colocou como uma questão norteadora: de que modo a cultura do estupro se encontra presente nas *fanfics* e como nós, professores e educadores, podemos intervir através de práticas pedagógicas?

Diante das análises, podemos entender que a cultura do estupro, ainda se mostra fortemente presente nas *fanfictions*, e são encontradas nas histórias com teor de violência sexual e doméstica, como: obsessão amorosa; estupro; relacionamento abusivo; pedofilia e incesto. Esses jovens autores, em muitos dos casos vistos, constroem suas narrativas baseando-se em crimes que resultam em um relacionamento amoroso entre os protagonistas. Assim, associa-se sexualidade e violência e coloca como algo comum em uma relação, seja ela heterossexual ou homoafetiva.

A falta de uma problematização por parte da sociedade, comunidade, escola e família sobre a temática da cultura do estupro, somada a construção de um

romance em cima desses crimes, notório em grande número de produções, como ficou evidente no capítulo dois, acabam por induzir os usuários das plataformas a lerem esse tipo de conteúdo. A naturalização das violências em seu cotidiano e o fácil acesso a essas histórias nas plataformas acabam por justificar a busca e o consumo por essas *fanfics*, mesmo que não fosse o objetivo inicial do leitor. E responde o objetivo específico 1 desta pesquisa.

A exposição a essa cultura machista desde a infância através de livros, filmes, novelas, músicas, etc., somada à falta de práticas pedagógicas que as problematizem no âmbito de ensino, acabam por não conscientizar os estudantes sobre o que são de fato essas violências, e externaliza essas situações vistas e/ou vividas em suas escritas de *fanfiction*, tornando-os propagador desse modelo patriarcal.

Diante do que foi relatado no decorrer desta pesquisa, as *fanfictions* são escritas e lidas majoritariamente pelo público feminino. Como resultado disso, são elas as que mais naturalizam e romantizam esses crimes ao escreverem e lerem *fanfics*. Assim, justifica o ponto 2 do nosso objetivo específico.

O fato de jovens do sexo feminino, em grande parte, produzirem esse tipo de conteúdo não quer dizer que sejam condizentes com as violências e abusos sexuais, mas que, em muitos casos, não compreendem as situações consumidas nas *fanfictions* como crimes por já serem tidas como comum no meio social. Desse modo, auxiliam na perpetuação da cultura patriarcal, mesmo que inconscientemente.

Consumir esse tipo de história com frequência pode moldar o desenvolvimento afetivo-sexual da pessoa, composto pelo fator biológico somado ao ambiente e ao meio cultural em que ele está inserido, ou seja, um meio machista de inferiorização e submissão da mulher. Por isso, a importância do papel da escola e do professor em combater essas culturas.

A quarta onda do feminismo nos mostra que é possível fazer com que essas pautas sociais cheguem aos jovens, levando-os a questionar o mundo à sua volta. Cabe a nós, enquanto professores, aproveitar essas oportunidades que já são criadas pelas redes sociais e grandes mídias para serem trabalhadas no âmbito educacional, de modo a tornar nossos alunos sujeitos conscientes e pensantes e, assim, possam combater essas violências para que não sejam futuras vítimas e/ou agressores.

No capítulo 5 vimos alguns exemplos de práticas pedagógicas que podem auxiliar no combate à cultura do estupro, como através de minicursos, palestras, oficinas e rodas de conversa. E trazer pessoas que estudam ou trabalham com a temática para enriquecer a discussão. Tais propostas não limitam o profissional da educação, e possibilita que modifique as atividades de modo a adaptar a sua realidade e a de seus alunos.

A partir do estudo, vimos também a importância das *fanfics* para o desenvolvimento do leitor/autor, diante da criação de plataformas gratuitas e que possibilitam um contato mais amplo entre pessoas que compartilham de gostos similares. Além de proporcionar um fortalecimento das minorias pela alta adesão de histórias com protagonistas da comunidade LGBTQIA+. Por conta disso, é fundamental dizer que a *fanfiction*, apesar das críticas aqui trazidas, é um gênero narrativo importante para esses jovens e que devem ser valorizadas, pois tem muito a agregar para a educação e para a construção do aluno leitor/escritor.

Discutimos o papel da mulher ao longo da história e como que, apesar dos direitos básicos conquistados com muita luta, ainda assim, não asseguramos uma igualdade de gênero, pois nossa sociedade segue fortemente moldada em um modelo patriarcal que nos é imposto através da “cultura do estupro”. E cabe às instituições de ensino trazer para debate as questões que englobam a inclusão, cultura do estupro e educação sexual, de modo a conscientizar o público jovem, tornando-os sujeitos críticos, de modo a combater essas práticas de violência e abusos.

Pontuamos que, como limites desta monografia, não conseguimos alcançar o objetivo esperado com os questionários compartilhados com os autores das quatro *fanfictions* selecionadas para análise. As questões não ficaram tão claras, assim, não responderam às questões específicas desta pesquisa. Ademais, por se tratar de uma pesquisa exploratória, com temática ainda recente, poucas foram as opções de estudos acadêmicos para embasamento científico.

Por fim, o desafio de se realizar um trabalho de monografia frente à pandemia ocasionada pelo Coronavírus, que restringiu nosso campo de análise, que tornou todo o estudo realizado de forma remota.

De todo modo, esperamos que, em um trabalho futuro, consigamos melhorar nossas práticas de pesquisa e que tenham outros pesquisadores interessados em dar continuidade nesse estudo tão importante.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

A vida das coreanas escravizadas por japoneses em bordéis militares durante a Segunda Guerra. BBC News Brasil, 2015. Disponível em: [A vida das coreanas escravizadas por japoneses em bordéis militares durante a Segunda Guerra - BBC News Brasil](#) Acesso em: 07/02/2022.

AMARAL, A; SOUZA, R; MONTEIRO, C. “De westeros no #vempraruá à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 141-154, jun. 2015.

BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisas de Survey. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 519 p. 519.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo – A experiência vivida. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1967

BUENO; BOHNENBERGER; SOBRAL. A violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2020.

BUSSE, K.; HELLEKSON, K. Introduction: work in progress. In: _____. (eds.). Fan fiction and fan communities in the age of the internet. North Carolina: McFarland, 2001.

BRASIL. Código criminal do império do Brasil. Lei de 16 de dezembro de 1830. Disponível em <[LIM-16-12-1830 \(planalto.gov.br\)](#)> Acesso em: 17/04/2022.

BRASIL. Lei nº. 11.340 de 07 de agosto de 2006. Lei da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Lei Maria da Penha). Brasília, DF: Senado Federal. 2006.

BRASIL. Lei nº. 13.718 de 24 de setembro de 2018. Crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro. Disponível em <[L13718 \(planalto.gov.br\)](#)> Acesso em: 17/04/2022.

BRASIL. Lei nº 12.015 de 7 de agosto de 2009. Dos crimes contra a dignidade sexual. Disponível em: <[L12015 \(planalto.gov.br\)](#)> Acesso em: 17/04/2022.

BRASIL. Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Lei de Direitos Autorais. Disponível em: <[L9610 \(planalto.gov.br\)](#)> Acesso em: 17/04/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Vol. 10 - Pluralidade Cultural e Educação Sexual. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRITTOS; E. S. A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicossocial da criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as professoras? Francisco Beltrão - PR, 2016.

BROWNMILLER, Suzan. Against our will: men, women and rape. NewYork: Fawcett Columbine, 1975.

CAMPOS, A. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. Revista espaço acadêmico. Dossiê: feminismo, machismo e a cultura do estupro, n. 183. 2016.

CAMPOS, C.; MACHADO, L.; NUNES, J.; SILVA J. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? Revista Direito GV. v. 13, n. 3. 2017.

DANTAS, Geórgia. A cultura informacional e participativa de fãs: análise da rede e processo de criação. Tese: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2015.

DIAS, Maria Berenice. A Lei Maria da Penha na justiça. Editora Juspodivm. 5° edição. 2019.

DOS SANTOS, Ben-hesed. Educação do Desejo ou Desejo de Educação? Centro de estudos psicanalíticos. CICLO V. 2017.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ano 15, 2021.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 2° ed, São Paulo, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. Sexualidade e Adolescência: educação sexual numa perspectiva emancipatória. Educere Et Educare – Revista de Educação, 2011.

HERMAN, Dianne F. The rape culture. In: FREEMAN, Jo. (Ed.). Women: a feminist perspective. 3. ed. CA: Mayfield, 1984.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 5ª ed. São Paulo, 2020. Disponível em: <[Dados da 5ª edição – Pró-Livro \(prolivro.org.br\)](https://prolivro.org.br)> acesso em 23/11/2020.

JENKINS, Henry. Fans, bloggers, and gamers: exploring participatory culture. São Paulo: New York University Press, 2006.

JENKINS, Henry. Textual Poachers – television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.

LITTLETON, Chad. The role of feedback in two fanfiction writing groups. Indiana University of Pennsylvania, 2011.

MACHADO, L; ACAYABA, C. Cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil, dizem Unicef e Fórum. G1 São Paulo. Disponível em: [Cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil, dizem Unicef e Fórum | São Paulo | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2022/07/07/100-criancas-adolescentes-estupradas-por-dia-no-brasil-dizem-unicef-e-forum-sao-paulo-g1-globo.com) Acesso em: 07/02/2022.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. Cadernos Pagu, Campinas, n. 11, p. 231-273, 1998.

MARQUES, R.; FRAGUAS, T. . The formation of the critical sense in the teaching and learning process as a way to overcome the common sense. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 7, p. e31010716655, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i7.16655. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16655>. Acesso em: 04/08/2022.

MATOS, Thaís. Livro, artigo de luxo? Quanto custa e quanto pode custar um livro no Brasil. *Globo*, g1. Disponível em: [Livro, artigo de luxo? Quanto custa e quanto pode custar um livro no Brasil | Pop & Arte | G1 \(globo.com\)](#) Acesso em: 23/11/2020.

Menina de 10 anos estuprada pelo tio no Espírito Santo tem gravidez interrompida. *G1 Pernambuco e G1 Espírito Santo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml>> Acesso em: 17/04/2022.

MINAYO, M. C. de S.; GOMES, S. F. D. R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 34a edição, Petrópolis – RJ, Editora: vozes, 2015.

NASIO, Juan-David. *A Fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA, H; RESENDE G. Violência sexual: uma análise social da cultura do estupro. *Periódicos UFMS. Perspectivas em diálogo: Revista de Educação e Sociedade*. v. 7, n. 14. jan./jul. 2020.

PEREZ, O.; RICOLDI, A; A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018.

RIBEIRO, Ana. Tudo que você precisa saber sobre direitos autorais em fanfics. *Jusbrasil*. 2020. Disponível em: [Tudo que você precisa saber sobre direitos autorais em fanfics \(jusbrasil.com.br\)](#) Acesso em: 07/02/22.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica : a construção do conhecimento*. 6a. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 167p.

SANTOS, Mônica Pereira dos. *Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos (e descasos)*. Curitiba: CRV, 2013.

SANTOS, Mônica Pereira dos. *Escola para todos - Um olhar pelo mundo*. Anais do V Seminário Nacional do INES: Surdez e Diversidade. Rio de Janeiro, p. 27-34. 2001.

SNEL. Painel do Varejo: Ações promocionais impulsionam as vendas de livros no 9º período. Sindicato Nacional dos Editores de Livros. 2021. Disponível em: [Painel do Varejo: Ações promocionais impulsionam as vendas de livros no 9º período - SNEL](#) Acesso em: 07/02/2022.

VARGAS, Maria. *Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction*. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. 2005.

APÊNDICE

Questionário aos autores das fanfictions escolhidas para análise.

1. Qual sua idade?
2. Qual seu gênero? (Que se identifica).
3. O que a levou a escrever a *fanfic* "nome da história"?
4. Ao publicar uma história há certos critérios para publicação. Você chegou a ler antes de postar?
5. Qual seu olhar sobre as *fanfics* que contenham romance entre pessoas de idades muito diferentes, incesto, sexo explícito e violência?
6. Você acha que esse tipo de história citado acima é muito consumido nas plataformas de *fanfic*?